



editora ifg

# TRADIÇÕES DA TERRA

MEMÓRIAS, SONHOS E DESAFIOS  
DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS  
DO CERRADO GOIANO

# TRADIÇÕES DA TERRA

ISBN 978-85-67022-18-5

© 2016 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os artigos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. São publicadas somente imagens autorizadas. Não sendo identificados os detentores, os interessados devem se manifestar.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

B823 Brasil. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Tradições da terra: memórias, sonhos e desafios das comunidades quilombolas do cerrado goiano/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. – Goiânia: Editora IFG, 2016.

160 p. il.

ISBN 978-85-67022-18-5

1. Comunidade 2. Quilombola. 3. Extensão. 4. Cultura.  
5. Memória. I. Título.

CDD 305.8698

Catálogo na publicação:  
Suzane Gonçalves Duarte – CRB 1/2746

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG  
Rua T-46, 166, Setor Oeste.  
Goiânia/GO. CEP. 74125-200.  
(62) 3240-7761  
editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil



# TRADIÇÕES DA TERRA

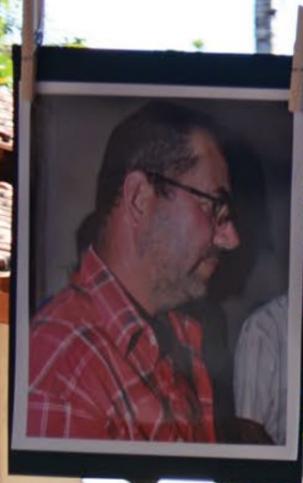
MEMÓRIAS, SONHOS E DESAFIOS  
DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS  
DO CERRADO GOIANO



# SUMÁRIO

---

Quem fala	<b>6</b>	<b>Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio</b>	<b>35</b>
De onde intermediamos	<b>7</b>		
Terra Jaqueline Vilas Boas Talga	<b>9</b>	<b>Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião</b>	<b>63</b>
Algumas palavras sobre essas terras e suas gentes Carlos Rodrigues Brandão	<b>10</b>	<b>Comunidade Quilombola João Borges Vieira</b>	<b>71</b>
Parte 1			
<b>O que se vê quando se olha de fora</b>	<b>12</b>	<b>Comunidade Quilombola do Pombal</b>	<b>103</b>
Parte 2			
<b>O que se vê quando se vivencia</b>	<b>32</b>	<b>Comunidade Quilombola Rio do Peixe</b>	<b>127</b>
Comunidades quilombolas participantes do projeto	<b>34</b>	<b>Memorial Serra da Mesa</b>	<b>151</b>



## QUEM FALA

Este livro se constitui das falas e dos silêncios de comunidades tradicionais do norte goiano, que carregam vivas nas práticas e nos corações suas tradições. Suas histórias compartilham as memórias, sonhos e desafios que constituem elas mesmas, mas também constituem a nós no passado e no presente.

Muitos dos encontros e desencontros que enriquecem essas comunidades e simultaneamente as oprimem configuram desafios vivenciados por comunidades tradicionais em toda a América Latina: os desafios de viver na terra e da terra e de enfretar o abalo de suas tradições pelas monoculturas das plantações, pelas extrações minerais, pelas mídias e por um modo de ser e pensar externo.

As vozes de resistência são cantorias, rezas, sorrisos e lamentos vistos do lado de cá, vistos por aqueles que vivem no e do Cerrado.

São inúmeras as comunidades tradicionais, agrupamentos e sujeitos que comungam outros modos de ser e estar no Cerrado.

No decorrer de nosso caminhar, vivenciamos comunidades que se encontram no entorno da Serra da Mesa, próximas aos rios Maranhão, das Almas e dos Bois, na região norte de Goiás: a comunidade quilombola Rio do Peixe, em Niquelândia; a comunidade quilombola do Pombal, em Santa Rita do Novo Destino; a comunidade quilombola João Borges Vieira, em Uruaçu; a comunidade quilombola de Porto Leocárdio e de Lavrinhas de São Sebastião, em São Luiz do Norte, e o Memorial Serra da Mesa, em Uruaçu.

## DE ONDE INTERMEDIAMOS

O percurso apresentado é parte do **Projeto Comunidades tradicionais em rede: criação, circulação e produção visual no cerrado goiano**, resultado de uma parceria entre o Instituto Federal de Goiás e o Ministério da Cultura e atuação de um grupo interdisciplinar, integrado por representantes de diversas áreas de formação e de conhecimento. Por meio de várias atividades extensionistas, propôs-se estabelecer uma rede de ação/circulação entre as comunidades tradicionais do norte goiano, tal que contribuísse para a valorização de seus modos de vida, bem como para relação de sustentabilidade em seus territórios.

Nesse percurso, foram essenciais o compartilhamento de saberes e o cuidadoso estabelecimento das relações: anotar, observar, elaborar, apreender, trabalhar, voltar, mostrar, ensinar, ouvir, registrar, fotografar, filmar, esperar e criar. Sem dúvidas, um imenso desafio que pressupõe e (por que não?) interpõe cada conotação da palavra alteridade.

Este livro compartilha parte dessas experiências com as comunidades, em uma organização cronológica de seus encontros com o grupo extensionista. Estivemos nas associações, nas cozinhas, nos quartos de dormir, nas plantações, nas festas, nos fazeres e saberes, nas memórias, nos sonhos e nos desafios dessas comunidades.

# TERRA

“Trabalhamos nas terras que foram nossas”

Dona Ilda Borges Geralda de Sá

A vontade de ficar mais, de voltar mais vezes é o que prevalece neste momento. Talvez por esse motivo seja tamanha dificuldade de efetivar a introdução deste livro de memórias, desafios e esperanças. Tudo é pouco para materializar as emoções e as sensações vivenciadas ao longo do caminhar pelas ruas das cidades e pelas estradas onde vivem as comunidades. Tudo é pouco para, pela primeira vez, reparar a existência das flores do Cerrado e ver o vivo colorido que se faz presente quando estamos por inteiro no local.

Nas comunidades, fomos acolhidos pelos sorrisos, afetos e cuidados de todos, fomos sempre convidados a tomar um café, a compartilhar do almoço, a dormir, a ficar mais um pouco. Fomos agraciados com o conforto das sucessivas bênçãos tomadas uns pelos outros ao encontrarem seus parentes em suas chegadas e partidas, com o zeloso preparo dos alimentos na rotina das casas e nas festas. Testemunhamos os cuidados com a terra no presente e nas memórias de um tempo passado.

A terra perpassa a vida de todos, dos que vivem no campo e dos que vivem na cidade. Ela é o elemento central da vida. A história das famílias e das próprias comunidades possuem referências exatas em locais demarcados territorialmente nos espaços das comunidades.

A terra é preparada para receber as sementes, que são plantadas pelas mãos, pelas enxadas, pelas matracas ou pelos tratores. Após o plantio, coloca-se nas mãos de Deus a esperança de colher. De repente, vem a colheita e se consegue partilhar entre os filhos e os parentes os grãos e frutos que vieram da terra. Mas, de repente, também falta a chuva e toda a lavoura de arroz não consegue cachear. De repente, os venenos pulverizados nas fazendas vizinhas matam e adoecem a terra e os seres vivos. De repente, não se teve tanta força para vigiar os passarinhos, que, não tendo mais matas devido ao avanço das fazendas vizinhas com pastagens, plantios de soja e cana, comem todas as pequenas plantações dos quilombolas.

A terra respeitada e partilhada promove as conexões, o sustento, a soberania alimentar, os encontros, as partilhas e os festejos. Mas, quando a terra não é respeitada e partilhada, só tende a promover devastação, envenenamento de todos os seres, discórdia e ganância. Afinal, quantos compreendem o sentido da palavra vida? Quantas decisões são tomadas a partir desse mote?

Mesmo espremidas pelos latifúndios ou completamente expulsas de suas terras, as comunidades quilombolas existem como territórios de resistência, de manutenção de práticas de matrizes africanas, indígenas e europeias, em conexão.

A vida e tudo que existe são partilhados, querem ser passado, querem permanecer.

As comunidades existem, resistem, sonham e lutam para que seus filhos e filhas sejam livres e possam viver e se sustentar em meio às suas tradições.

Agradecemos imensamente ao universo por ter possibilitado nossos encontros, com todas as chegadas e partidas. A todas as vozes que sopravam as histórias vivenciadas ao logo das narrativas repassadas constantemente.

Agradecemos a cada liderança, folião, rezadeira, tambozeiro, educador, artesã, camponês quilombola a possibilidade de estarmos juntos ao longo do projeto.

Desejamos profundamente que as comunidades se sintam contempladas neste retorno. Antes de qualquer coisa, este livro de memórias tem como propósito retornar aos autores das memórias, sonhos e desafios.

Os olhos fecham, um suspiro profundo toma conta, a cabeça e o coração querem continuar a compartilhar...

**Jaqueline Vilas Boas Talga**

Professora da Universidade Federal de Goiás e Coordenadora Geral de Extensão do Projeto Comunidades Tradicionais em Rede

São Félix do Araguaia/MT, julho 2016

# ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESSAS TERRAS E SUAS GENTES

Já que todas as ciências dedicadas ao assunto não possuem mais dúvida alguma de que os primeiros seres humanos surgiram no centro da África e, desde o coração desse continente espalharam-se ao longo de milhares de anos por todo o Planeta Terra, também não devemos ter dúvidas de que, quando os colonizadores europeus dos séculos XVI, XVII e até mesmo do início do XIX, sequestraram de seus lares e trouxeram para as Américas pessoas das várias tribos de povos ancestrais da África, eles não fizeram mais do que realizar a ferro e fogo uma nova “diáspora negra”, como a que ocorreu livremente há mais de um milhão de anos.

Os negros trazidos da África vieram como escravos. Mas, anos mais tarde, podemos repensar essa “barbárie” dos brancos e lembrar que somos a descendência mais ancestral não dos brancos colonizadores, mas dos negros colonizados. São eles, remotamente, os nossos pais, pois, por mais brancas que sejam as nossas peles “somos todas/os africanas/os”.

Escravizados, eles vinham em “navios negreiros” como indivíduos, mas não como pessoas, pois as suas pessoas eram possuídas pelos seus senhores. Essa, embora não seja a mais visível, é a face mais cruel da escravidão. Sequestrados de terras livres para terras do poder do homem branco, os criadores africanos do nosso Brasil perdiam, durante a própria viagem pelo grande mar-oceano, os seus nomes de origem, as suas pessoas, as suas imagens.

Desde pelo menos o século XVII, negros escravos, a sós, aos pares ou em grupos, foram desenhados por viajantes, mais do que

por portugueses ou brasileiros, a quem da “escravaria” importavam apenas três “coisas”: o trabalho do corpo e os seus lucros, a reprodução de outros escravos por meio da geração de crianças (havia fazendas de reprodução de crianças escravas, como gado) e os prazeres da libido, com a redução da mulher escrava a uma dupla e cruel submissão.

Mais adiante, quando já havia no Brasil a fotografia (de que Pedro II parece ter sido um aficionado) e ainda havia escravos, um fotógrafo, Christiano Jr., fez uma série de imagens de “escravos brasileiros”, nome de seu livro. No prefácio desse livro, Manuela Carneiro da Cunha, uma antropóloga, estabelece uma sugestiva oposição: a diferença entre o “dar-se a ver” do patrão e o “ser fotografado” do escravo. O senhor (ou nós mesmas/os hoje em dia) dá-se a ver: chama fotógrafos, contrata-os, fotografa-se e coloca em quadros a sua imagem pessoal ou familiar. Faz pose e se eterniza (ilusoriamente). Faz de sua pessoa, sua figura e sua imagem retratada algumas poses suas. Na direção oposta, o escravo é fotografado. Ele é obrigado a oferecer seu rosto, seu corpo e seus gestos a uma imagem que será sempre de um outro.

Se isso vale para as imagens, com bastante mais força valerá também para as memórias. Negros escravos, ao perderem a sua pessoa e a sua imagem própria, perdiam também o direito ao menor registro de seus “eus” pessoais ou coletivos e, portanto, a uma mínima memória, a não ser aquela guardada nas mentes e nos corações. E depois, na cultura oral afro-brasileira, aquelas memórias coletivas que, entre mitos e ritos, foram preservadas em

religiões, jogos e rituais que nos acompanham afortunadamente até os dias de agora.

Durante séculos, negros e negras, escravos e escravas nas terras do Brasil, trabalharam para os brancos. Trabalharam não apenas sobre o solo das lavouras, mas também nas cidades fazendo tanto as roças de produção de alimento quanto as casas e as igrejas dos seus senhores. E arrancaram anonimamente do chão e dos rios todo o ouro e os diamantes que enriqueceram falsos fidalgos e, depois de uma longa viagem, enriqueceram a Europa.

Alguns fugiram. Alguns escravos escaparam do jugo dos brancos e se internaram em comunidades escondidas que, entre montanhas e florestas, compartilhavam de perto ou de longe com os povos indígenas. Palmares é a mais conhecida dessas comunidades. Mas elas foram muitas e muitas, de sul a norte.

De várias delas os negros fugidos ou, em casos mais raros, agraciados com raras benesses dos brancos, preservaram comunidades quilombolas. Comunidades que não apenas sobrevivem entre ermos do Brasil, mas desde “ali” testemunharam e testemunham hoje preciosos modos de ser, de viver e de pensar e de criar vidas e memórias.

É justamente isso o que este livro-álbum, *Tradições da terra – memórias, sonhos e desafios das comunidades quilombolas do cerrado goiano*, convida-nos a ver e ler. Territórios, terras, espaços da vida, do trabalho e das festas de povos afrodescendentes.

Bem ao contrário do que por séculos aconteceu, agora esta gente de uma iluminada pele escura não é apenas fotografada. Agora ela se dá a ver. Agora ela constrói com quem veio fotografar a oferta de suas imagens. Senhoras de si, meninas e mulheres posam agora diante da máquina como quem sabe que passou da condição sem memória e sem imagem dos seus antepassados

ao domínio de seu corpo, dos traços de seu rosto, de suas palavras e memórias.

Assim, *Tradições da terra – memórias, sonhos e desafios das comunidades quilombolas do cerrado goiano*, trabalho coordenado por Jaqueline Vilas Boas, é fruto do diálogo de uma equipe com mulheres e com homens das comunidades visitadas, é bem mais do que apenas um desses tantos álbuns-livros sobre “momentos do Brasil”. Ele é a recriação de uma justiça tardia. Ele capta imagens, ouve vozes, depõe sobre vidas e modos de vida de pessoas, de grupos de pessoas e de comunidades que agora são mais do que livres – mesmo quando habitantes de uma sociedade ainda tão excludente, desigual e injusta. Uma revelação que parte da terra que se habita e vai a rostos e gestos da vida cotidiana, uma revelação que não deve ser apenas um deleite aos olhos, como quando se folheia a esmo um livro com imagens ou um álbum com palavras. Pois este trabalho exemplar vale como um depoimento. Vale como um vivo e colorido sinal de tempos novos.

Eis que agora os povos que se escondiam da presença dos brancos senhores dão-se a ver. E, desde seus territórios, suas terras, comunidades, casas e cozinhas, rostos, falas e gestos, chegam a vós dos fundos de Goiás para dizer aos “de longe” que ali habita uma gente, uma comunidade e uma maneira de ser e viver que, mais do que apenas ser apreciada como algo interiorano, primitivo e pitoresco, ali está para nos ensinar que boa parte de uma vida simples, solidária e criativa com que sonhamos talvez esteja bem mais entre essa gente goiana de cerrados e quilombos do que entre nós.

**Carlos Rodrigues Brandão**

Livre docente pela Universidade Estadual de Campinas, com diversas pesquisas realizadas nas áreas de antropologia, religião, cultura popular e educação

# O QUE SE VÊ QUANDO SE OLHA DE FORA

Dona Juranilde de Souza Lima, 57 anos, artesã.  
Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Ofereceu a oficina de argila no II Encontro de Culturas  
Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu.  
Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.



ACESSE O VÍDEO  
DO PROJETO  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
EM REDE

P A R T E 1



Oficina de argila no II Encontro de Culturas Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu. Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.

Eu faço vaso toda vida pra mim vivê, sabe?! Mas eu toda vida mexi, trabaiei em roça, todo quanto é serviço eu fiz, mais, mais o vaso, eu mexo com artesanato memo, mexo com barro memo. É argila o tempo todo!

Eu compro barro fora, a lenha eu pego, eu memo levanto o forno pra queimá, tudo é eu.

Juranilde de Souza Lima, 57 anos  
novembro 2015



Raiane Gouveia, 24 anos. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO. Ofereceu a oficina de turbantes no II Encontro de Culturas Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu. Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.

Ensinando a todos como usar a coroa da mulher.

Raiane Gouveia, 24 anos  
novembro 2015

Mudou, mudou muita coisa. Na aprendizagem, então, né? A gente aprendemos, a gente ganha o dinheirinho da gente, a gente já vai é, por exemplo, chama a gente pra fora, a gente leva as boneca, vai fazer um, faz, põe um stand, é, vende, é assim, é, foi um, foi muito bom.

**Vitalina Gouveia de Sá, 52 anos**  
janeiro 2016

Josilene Ferreira da Silva, 29 anos.  
Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Ofereceu a oficina de Marias Negras no II Encontro de Culturas Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu.  
Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.



Aprender nunca é demais.

**Josilene Ferreira da Silva, 29 anos**, janeiro 2016

O trabalho que você faz eu acho um trabalho louvável, trabalho muito gratificante, acima de tudo é um trabalho que vocês têm que ser muito mais humilde do que nós que falamos.

**José dos Santos Dias, 42 anos**  
novembro 2015

José dos Santos Dias (Zé Dias), 42 anos, e os sobrinhos, Afonso, 19 anos, e Marília, 19 anos, todos da Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio.  
Por Geisla Aguiar, 28/11/2015.



Banca do Ateliê Quilombola. Comunidade Quilombola João Borges Vieira no II Encontro de Culturas Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu.  
Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.

A dança do Passarinho, grupo Tambor de Criola. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO. Apresentação durante o II Encontro de Culturas Negras, no IFG/Câmpus Uruaçu.  
Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.



A gente não pode deixar morrer. A minha mãe sabe muita dança do tambor, até começou dançando com a gente e fomos pegando de volta. Muitos mudaram de religião, alguns até dizem que é coisa do Candomblé, e eu digo para eles pensarem o que quiser, porque eu sei da religião que eu sou. E, assim, é muito difícil para a gente, porque em muitos lugares a gente nem é aceito. Mas hoje estamos com a bola toda e somos disputados para dançar tambor por aí, sabe?

**Maria Santina Barbosa, 55 anos**  
março 2016



Em memória do  
senhor Nicodemo  
Rodrigues da Costa

Músicos da Comunidade  
Quilombola João Borges Vieira,  
Uruaçu/GO. Apresentação durante  
o II Encontro de Culturas Negras,  
no IFG/Câmpus Uruaçu.  
Por Geisla Aguiar, 28/11/2015.

Eu tento resgatar o tambor. Esses dias até perdemos um membro que cantava comigo no tambor, porque é eu que canto no tambor também.

Nós perdemos um membro do tambor, porque eu tiro a música e eles respondia. Então, éramos quatro que cantava. Eu e o “Seu Julim” tira, o Nicodemo e Seu Luiz.

Maria Santina Barbosa da Silva, 55 anos  
março 2016

Exposição das fotos sobre as comunidades produzidas pela equipe do projeto, na Escola Municipal de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 16/04/2016.



A comunidade é formada por pessoas tradicionais do lugar, que nasceram e cresceram há várias gerações. E tem também o pessoal que veio com a corrida do Ouro, nos anos 80 principalmente, que é o meu caso, que vim na época com 18. Vim para ser garimpeiro, e garimpei 10 anos, casei, adquiri família e fiquei por aí. E também tem o pessoal que hoje vem, os canavieiros que veio com a agroindústria, que é essa unidade Otávio Lage, que tem aqui próxima. Além desses, também tem o pessoal dos assentamentos, tendo um assentamento próximo daqui do município e inclusive os alunos estudam aqui com a gente.

**Seu Eurípedes Alves Ribeiro, 48 anos**  
abril 2016

Uai, é assim que Deus dá continuidade pras meninas, né? Pra sempre aprender mais, né? Que é bom! Eu passei a aprender e gostei, né? É muito bom, que elas seja forte e pôr pra frente, porque aqui é várias comunidade, né? Precisa muito.

**Tia Júlia Borges Vieira, 65 anos**  
janeiro 2016



Oficina Marias Negras. Escola Municipal de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 16/04/2016.

Comunidade Quilombola João Borges Vieira compartilhando a oficina Marias Negras na Escola Municipal de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Geisla Aguiar, 16/04/2016.



Então, essa troca de experiência, às vezes a gente ir pra uma outra comunidade ensinar ou até aprender também é importante, né? A gente não deixa de aprender com eles, e eles de aprender com a gente, né?

Josilene Ferreira da Silva, 29 anos  
janeiro 2016

Eu, quando eu vi, queria fazê uma pra mim, não consegui. Verdade, queria uma nega daquela maior assim, lá tem uma grande, né? Não consegui, aí nós foi na Josi, "Josi você ajuda nós fazê isso e isso?"

Regina Ferreira dos Santos  
janeiro 2016



Primeiro vestidinho que eu fiz na vida. Primeira boneca.

Sandra Mara,  
37 anos  
junho 2016



É, no início era só branca, aí nós viemos com as nossas bonecas negrinhas.

Domingas Quilombola, 43 anos  
janeiro 2016



Oficina Marias Negras. Escola Municipal de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 16/04/2016.



Porque eu acredito que isso trabalha a autoestima da mulher e isso trabalha a autoestima da pessoa, do negro. Saber que ele tem importância, ele sabe lutar pelos seus direitos. Então, assim, é um trabalho às vezes muito árduo, mas muito gratificante.

**Domingas Quilombola, 43 anos**  
janeiro 2016



**Dona Matutina  
compartilhando  
seus saberes  
com as  
comunidades  
de Porto  
Leocárdio,  
Lavrinhas  
e Uruaçu.  
Memorial  
Serra da Mesa,  
Uruaçu/GO.**

Por Geisla  
Aguar,  
17/04/2016.





Troca de saberes entre a Associação de Artistas e Artesãos da Cidade de Goiás e as bordadeiras da Comunidade João Borges Vieira, em Uruaçu/GO.



Camisetas e mairas negras com aplicação de bordados, produzidas por meio da pesquisa iconográfica na comunidade, durante a troca de saberes entre a Associação de Artistas e Artesãos da Cidade de Goiás e as bordadeiras da Comunidade João Borges Vieira, em Uruaçu/GO.



Por Vinícius Ferreira, julho de 2016.

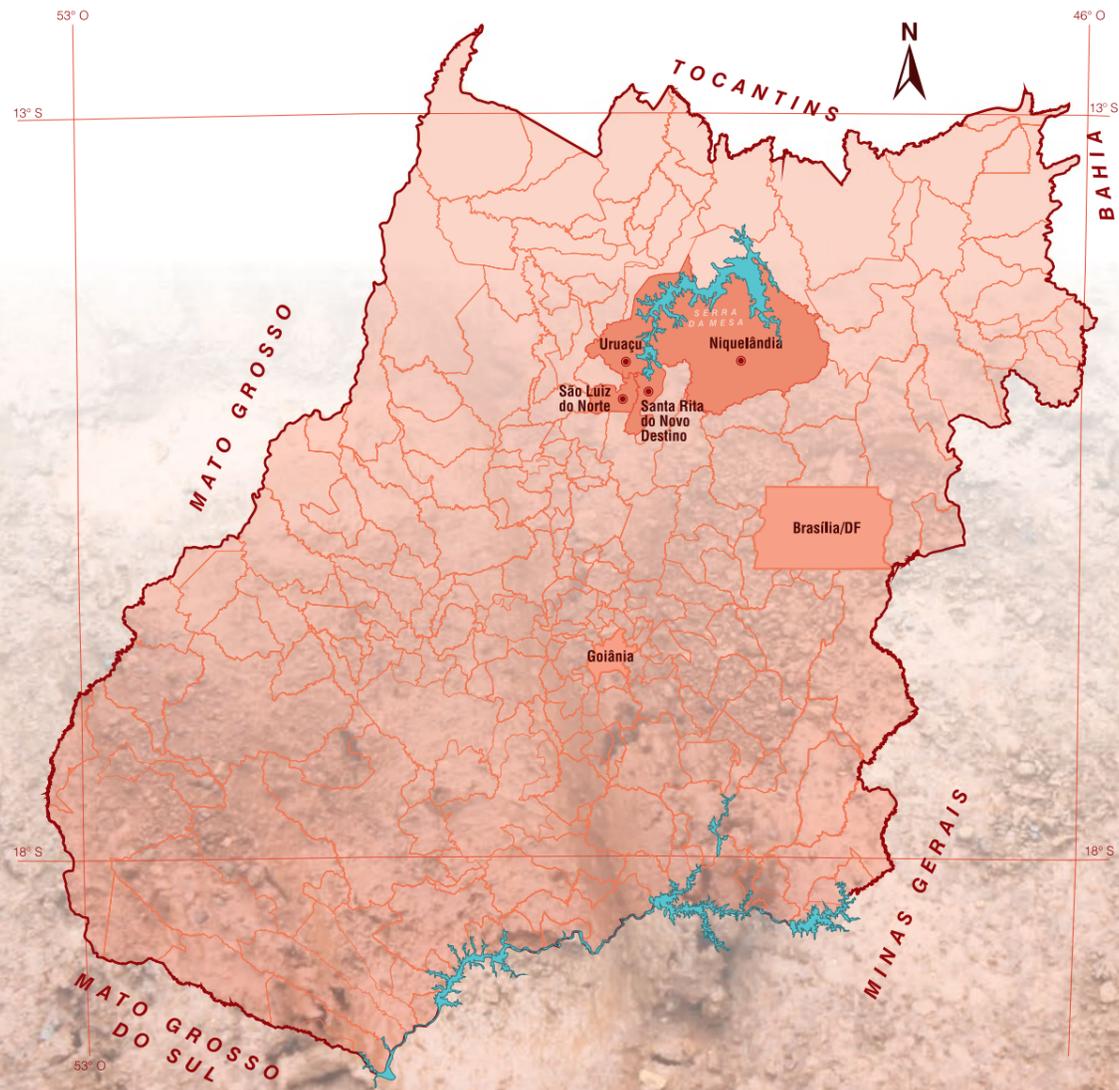


Por Vinícius Ferreira, julho de 2016.





O QUE SE VÊ  
QUANDO SE  
VIVENCIA



**Fonte:**  
Adaptado de  
TEIXEIRA, Renato Araújo.  
*No Descompasso da  
Metrópole: Um estudo sobre  
a dinâmica espacial da  
região metropolitana de  
Goiânia a partir do  
município de Inhumas.*  
Goiânia: Editora IFG, 2013.  
p.170.

**Elaboração Digital**  
Pedro Henrique Pereira de  
Carvalho



**Legenda**

- Municípios das Comunidades Quilombolas
- Limites Estaduais
- Limites Municipais

- Comunidade Quilombola João Borges Vieira**  
Uruaçu/GO
- Comunidade Quilombola Rio do Peixe**  
Niquelândia/GO
- Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião**  
São Luiz do Norte/GO
- Comunidade Quilombola do Pombal**  
Santa Rita do Novo Destino/GO
- Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio**  
São Luiz do Norte/GO
- Memorial Serra da Mesa**  
Uruaçu/GO

# COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARTICIPANTES DO PROJETO

# COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PORTO LEOCÁRDIO

## SÃO LUIZ DO NORTE/GO

“Vocês são do projeto? Tão indo lá pro Porto Leocárdio?”

Anselmo, balseiro que faz a travessia do rio das Almas  
janeiro 2016



Travessia do Rio das Almas, São Luiz do Norte/GO.  
Por Daniel Sena. 16/04/2016.



ACESSE O VÍDEO DA COMUNIDADE DE PORTO LEOCÁRDIO

Tudo era cerrado, o que era mato, era mato.

**Seu Adão de Lima, 72 anos**  
janeiro 2016

Lavrinhas é devido aqui ser um antigo campo de mineração no descobrimento de Goiás.

**Educador Eurípedes Alves Ribeiro, 48 anos**  
abril 2016

**Estrada de acesso à comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Jaqueline Talga, 30/06/2016.



“Nós fomos lá pro Pombal e com o tempo eu vim parar lá na beira do Bói. Todo ano nós vinha na Lavrinha, meu pai e minha mãe. Aí dipois nós mexendo, foi mexendo, aí eu conheci a mulher e dipois nós casô, dipois nós voltô pra lá de novo.”

**Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Jaqueline Talga, 30/06/2016.

**Seu Sebastião dos Santos Dias, 86 anos**  
janeiro 2016

Arruma a cama lá,  
arruma pra eles dormi aqui!  
Ah, não! vocês não vão dormi aqui hoje?  
Não, arruma a cama lá  
pra eles, Zé Dias.

**Dona Maria  
Gercy de Lima**  
80 anos  
abril 2016



**José dos Santos Dias, 43 anos,**  
com seu pai, Seu Sebastião  
dos Santos Dias, 86 anos,  
e Dona Maria Gercy de Lima,  
80 anos. Comunidade  
Quilombola de Porto Leocárdio,  
São Luiz do Norte/GO.  
Por Jaqueline Talga, 02/02/2016.



Comunidade Quilombola de  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do Norte/GO.  
Por Jaqueline Talga, 02/02/2016.

Nos forno de barro e de pedra  
fazia o comê. Socava madeira,  
juntava ele e fazia.

Fazia, fazia de tudo. Tinha o tal  
tear, plantava algodão, colhia,  
era muiê piava, corosava no seu  
corasodozinho, batia de tiaio, qui  
nem os índios. Aí ia fiá, ia tecê, o  
teá ia fazê rôpa de todo tipo.

Era rede, coberta, cobertô de  
algodão, rôpa de vesti, fazia.

Difícil alguém que faz hoje. Por  
aqui não tem ninguém que faz  
não.

O mais véio foi e o novo ninguém  
aprendeu.

**Dona Maria Gercy de Lima, 80 anos**  
abril 2016



Meu pai não era fazendêro. Mas o pai dele era fazendêro.

Meu pai nasceu aqui nessa Lavrinha, nasceu e criou aqui.

Meu teterevô, bisavô, avô, pai nasceu tudo aqui dentro dessa Lavrinha.

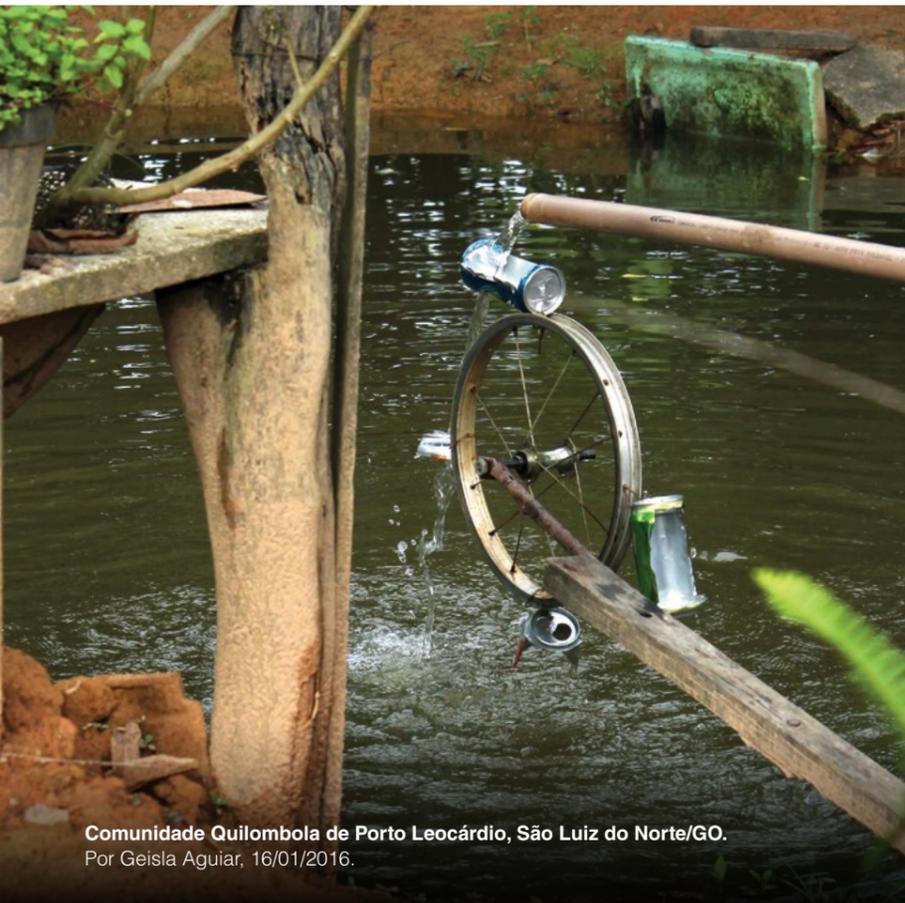
Meu teterevô era senhor aqui dentro dessa Lavrinha. Trabalhava com os escravos aí.

Só escravo que ele tinha, ele tinha 370 escravo. Tocava lavôra, garimpo.

Meu avô mesmo, a mãe dele era negra, né?

Meu teterevô era branco e a mulher dele era branca, então, era índia. Mas aí o filho dele, tinha essa negra, que trabalhava com eles, diz que veio da África, essa negra, e o filho dele o Umbelino interessô muito por essa negra. Êis não queria que ele casasse com essa negra, porque ela era preta. Aí o filho depois

casô, aí os filhos dele saiu uns puxando ele, otros puxando a mãe. O meu avô mesmo saiu puxando a mãe, bem morenã. Daí pra cá foi a geração de preto, nossa família veio dessa negra. Meu avô daí casô com uma morena, morena não era branca não, nós puxô tudo pros preto. Minha mãe mema também era negra. O pai dela era mineiro, o pai dela era branco. Aí minha mãe não era muito pretona não, era uma morena clara, queria puxá pro pai, mas não chego puxá direito não. Dos filho do meu avô Protino, que era pai da minha mãe, o que saiu mais puxando o pai foi a minha mãe, as outras tuda era morena. Daí minha mãe achô meu pai, que era morenã, aí saiu tudo preto.



Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 16/01/2016.

Hoje eles trabalha, mas de antes o serviço era mais pesado.

Elas não deixa os maridos ficá andando à tôa, mulher que traz a fartura.

Os dois, né? Mas sempre ela plantava, né? Antigamente elas pegavam as panelas de ferro e colocava na cabeça e levava para os maridos na roça, pegava os mininim e jogava na cintura e ia.

**Seu Sebastião dos Santos Dias, 86 anos**  
janeiro 2016



Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos. Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

Ah de primeiro era bão, agora veio mudando tudo, agora tem que i trabalhando muito pra dá conta das coisas. Era muita gente aqui, tinha sobrinha aqui, era tudo aquele bolo de gente, que ia junto pra escola estudá, era bão. Nós ia tudo de a pé, quando estudava na Lavrinha, quem tinha 10 anos pra frente, o pai deixava nós tudo lá na Lavrinhas, estudando lá, depois a professora foi embora, e trouxe nós. Aí veio um professor aí, que pegou seis meis de aula pra nós, aí que eu vim aprendê assiná meu nome.

**Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos**  
janeiro 2016

De primeiro tinha mais um na casa do outro, via que tava à tôa assim, tinha mais. Antes tinha mais festa, tinha fulia, a gente ía, tinha muita festa.

**Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos**  
janeiro 2016

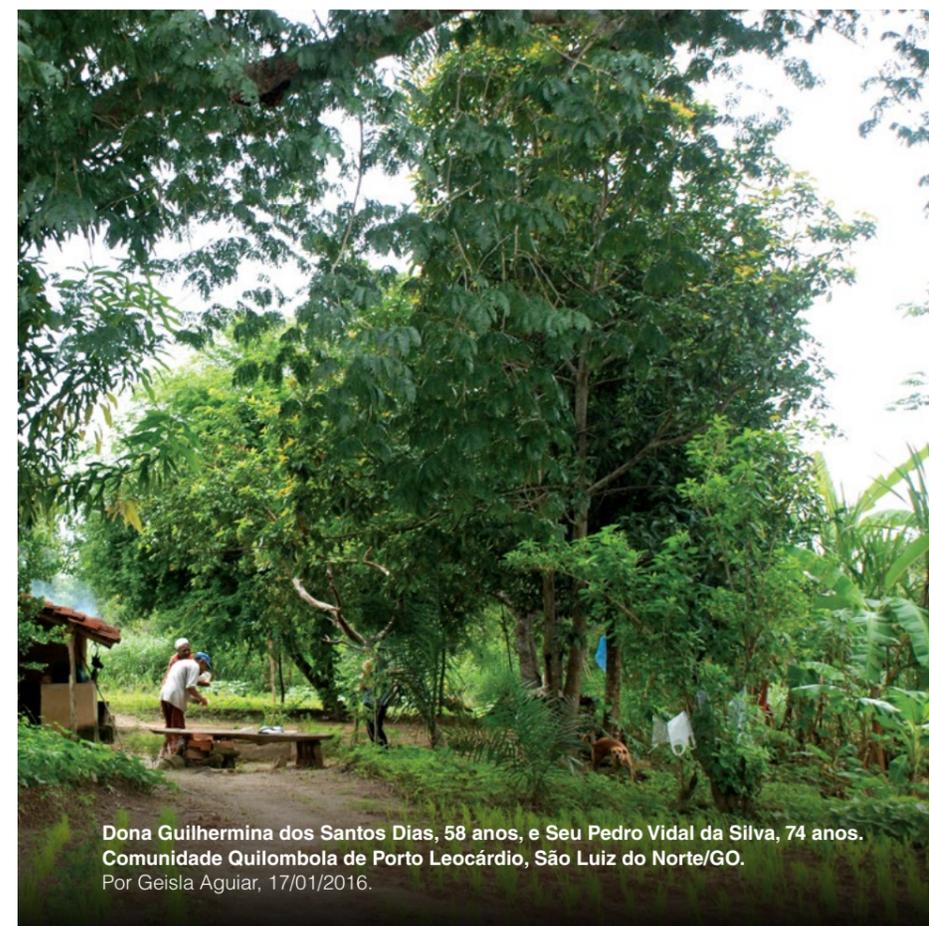
Eu plantei feijão, eu plantei o quiabo, certo. Plantei a semente, que o quiabo ninguém planta. Plantei a semente, daí eu plantei a semente de melancia, semente de pepino. Daí eu plantei um carocinho de feijão, milho. Já tá tudo nascido, né?! Amendoim, plantei as ramas de mandioca, plantei tumém o arroz, né?! Vamo esperar agora, ver o que é que Deus vai dar, né?!

A semente eu guardo, pra quando for na época a gente não passar muito aperto, né?! Que tem muita gente que passa aperto sob a semente, né? Porque vai comendo tudo, vai comendo a semente que cói, que Deus dá, daí passa aperto, que não é todo mundo que tem planta, né? É desse jeito, então tem que esperniá pra ter ela no tempo, pra plantá ela de novo, que se não tivé ela pra plantá, pessoa vai, aí pena um bucado, né? Até dá o jeito de arrumá ela, às vezes a pessoa até perde o tempo de plantá, então a gente tendo ela fica bom pra todos.

**Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos**  
janeiro 2016



Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos, e Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos. Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos, e Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos. Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



O gosto é um só.  
Do mesmo jeito  
que o branco tem  
o gosto na boca, o  
preto também tem.  
Do mesmo jeito que  
o preto tem o gosto  
na boca, o branco  
também tem, né?

Seu Sebastião dos Santos Dias, 86 anos  
janeiro 2016

Seu Pedro  
Vidal da Silva,  
74 anos.  
Comunidade  
Quilombola de  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geisla  
Aguilar,  
17/01/2016.



Eu tiro por mim, porque se eu não tivé corage de infrentá a dureza, ficá quetinho sentado na cadeira, comendo e bebendo, igual eu tava lá no São Luiz, sem fazê nada. . . Fiquei uns três ano lá, sem fazê nada. Tem esse pedaço de terra que o meu sogro me deu, inda falô pra mim: “cê escolhe onde cê vê que dá pra ucê sustentá sua família.” Aí eu vim cá, olhei o mato aqui, esse capão de mato bem fechado.

Aí o que que eu fiz? Infiei a foice desde lá da cabiceira até saí no brejo lá em baixo no corgo, lá na beira do corgo lá. E daí, ó, vem trabaiano e zelano deis tudo aí, ó, e trabaiano pros otro fora tumém, pra pudê ganhá o pão, pra pudê zelá desse aqui. Senão, não tinha jeito deu tocá isso aqui.

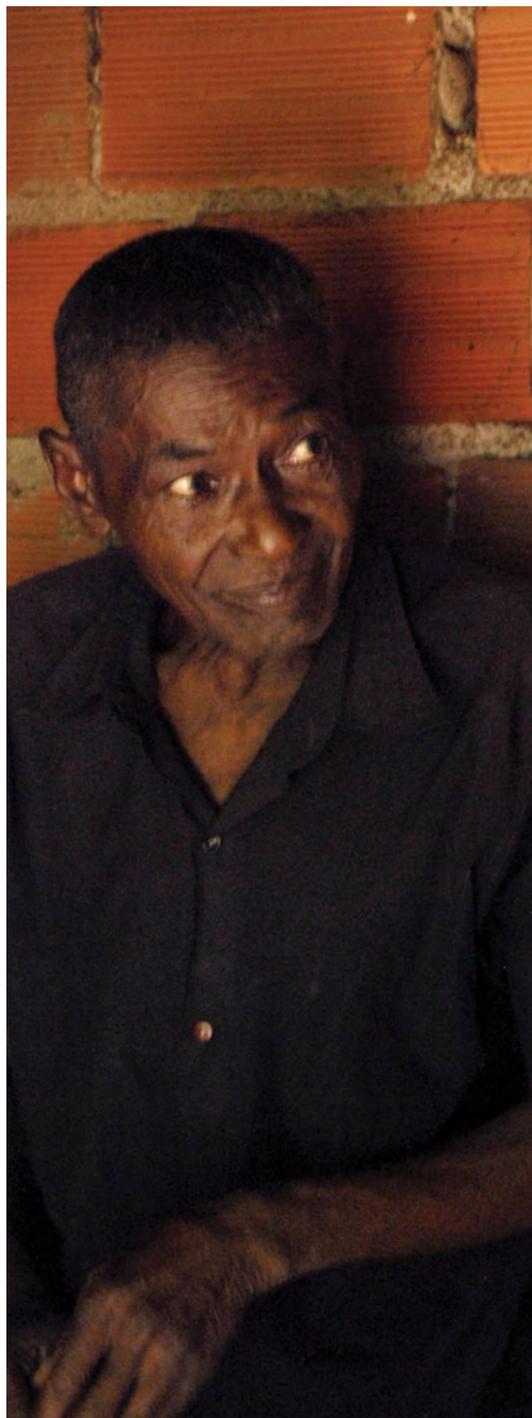
**Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos**  
janeiro 2016

Minha  
menina  
que  
plantô  
esse  
tamburi  
aí, uma  
arvona  
bonita,  
né?! Eu  
nem  
esperava  
que  
tamburi  
subisse  
tanto, né?

**Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos**  
janeiro 2016

Seu Pedro Vidal da Silva, 74 anos. Comunidade  
Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguilar, 17/01/2016.

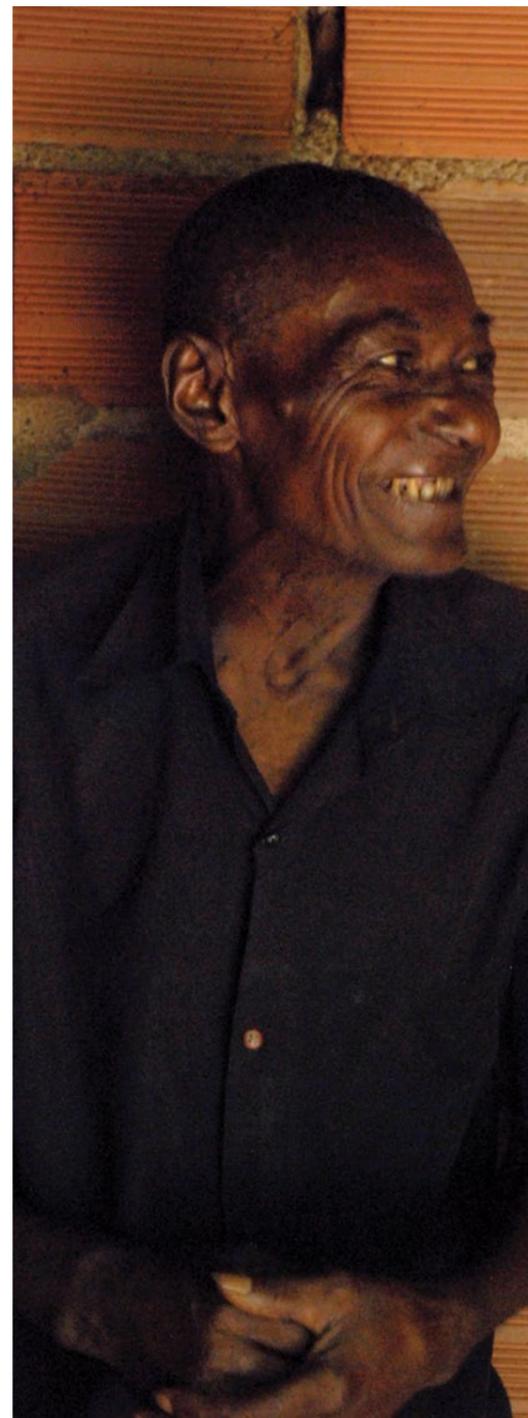




Serve arroz com  
feijão?



Se servir, temo aí.



Minha mãe eu não conheci. Diz  
que, quando eu nasci, ela faleceu,  
eu tinha nascido com três dias.



Foi minha avó, os outros que  
zelaram de mim pra ver se eu  
escapava.



Porto Leocárdio,  
às margens do  
Rio das Almas.  
Comunidade  
Quilombola  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geísla  
Aguiar,  
17/01/2016.

Foi o pai da minha mãe que chegou primeiro: Leocárdio. Ele chegou aí, tinha esse porto aí, o povo passava por aí. O povo passava de canoa. Primeiro era uma balsa, não conheci não, depois foi a canoa de remo, de remá. Ficô ali até que acabou a canoa do ti Adão. Quando meu avô veio aqui, era mata tudo, aí foi abrindo. Ele veio só com a família dele, mãe dele e os irmão.

**Dona Guilhermina dos Santos Dias, 58 anos**  
janeiro 2016



Ruínas da  
casa de seu  
Leocárdio.  
Comunidade  
Quilombola  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geísla  
Aguiar,  
17/01/2016.

Porque o meu vô Leocárdio era carteiro. Ele viajava de São Paulo a Rio de Janeiro em busca de sal, porque era muito caro naquela época. E o meu vô Leocárdio ele vinha é com toda essa tropa e chegava até Porto Leocárdio, porque, de Porto Leocárdio, ele ia até Pilar de Goiás pra fazer as entrega de carta e tudo isso ele foi tomando confiança. O Doutor Bernardo Sayão na época doou-se o Porto pra ele que ele colocou-se uma balsa de tambor, né? Que fazia a travessia de Porto Leocárdio até Nortelândia, que dá acesso à via BR-153 que liga a Belém-Brasília e através disso as pessoas da comunidade mesmo se constituir ali foram criando famílias ali, né? Geração foram se crescendo, né?

**José dos Santos Dias, 42 anos**  
janeiro 2016



Comunidade  
Quilombola  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geísla  
Aguiar,  
17/01/2016.

As coisas vai diferenciando tudo, as coisas vai dimudando. Que nem de primeiro nem cana tinha, isso aí era só pasto, né? Aí agora as cana foi encostando, né? Aí já vai ficando até mais apertado pra moçada trabaiá.

**Seu Damião dos Santos Dias, 64 anos**  
janeiro 2016

A minha netinha tem três anos, ia fazê quatro, ela diz assim: “ô vovó, mas o que que a casinha da senhora é desse jeito, vovó?! Ah vâmo fazê uma casinha pra senhora”, que a casa deles lá é forrada, “vou fazê uma casa branca pra senhora, vovó, que essa casa da senhora é igual aquela casinha do poiquim, aquela história do poiquim.” Aí eu ri dela.

**Dona Ana Machado Lopes, 58 anos**  
janeiro 2016

**Dona Ana Machado Lopes, 58 anos.**  
Comunidade Quilombola Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



**José dos Santos Dias,**  
Comunidade Quilombola Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



Hoje, uns dos principal desafio que tem hoje é a consciência da própria comunidade.

**José dos Santos Dias, 42 anos**  
novembro 2015



A gente planta assim, coisa, e vai pedindo a Deus, coisa, pra tirar a dispesa. Porque a gente não tem o dinheiro assim pra comprar ela reunido pra guardar. Aí, se vai comprando os quilim, toda vida vai apertando mais. E, anssim, se Deus for abençoando que for tirando a dispesa, aí se já, alguma niquinha que, se já arruma, já dá pra comprar outra coisa, uma mistura, um trem qualquer. Mas sempre o movimento da gente mais é plantá, nem que for um poquinho, não dá pra plantá

muito memo, planta poquinho. Como diz o otro, pra tirar a dispesa, planta um poquinho de milho. Todo ano a moçada faz uma pamoinha, pra não dizer que não comeu uma pamonha. Planta uma moitinha de mandioca faz uma farinha. Na hora que vim, vai inganando, muita coisa aí já... até às vezes, já manera um pouco, já ajuda, intera no arroz. Porque mistura, como diz o otro, não é todo dia que pode cumê mesmo. Tendo coisa, já vai coisano, né?

**Dona Ana Machado Lopes, 58 anos**  
janeiro 2016

**Dona Ana Machado Lopes, 58 anos. Comunidade Quilombola Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

Eu fazie muito, aí eu custumei. Eu quase num compro, eu faz é fazida... esturdia eu fiz umas na mão, eu fiz mais de umas vinte, mas custurado na mão, que eu não truxe a máquina pra cá, ai eu falei eu vou fazê. Que primeiro eu capinava era muito, hoje eu não dou conta de capiná mais não. Assim, meu corpo dói deu ficá capinano, aí eu fico aí, aí eu dô conta só de fazê a comida. Aí, eu pra interti eu ficava costurando, colcha de retalho. Eu faço assim mesmo, pro gasto mesmo, só pra fazê mesmo.

**Dona Ana Machado Lopes, 58 anos**  
janeiro 2016



**Comunidade Quilombola Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

Hoje, graças  
a Deus, já não  
pinga muito não.

Dona Ana Machado Lopes, 58 anos  
janeiro 2016



Ana Machado Lopes, 58 anos,  
e Damiano dos Santos Dias,  
55 anos. A aeronave no alto  
da imagem é utilizada para  
pulverizar agrotóxicos na  
plantação da usina de cana  
que fica nos arredores da  
comunidade. Quando isso  
acontece, parte dessas  
substâncias cai sobre a  
Comunidade Quilombola  
de Porto Leocárdio,  
São Luiz do Norte/GO.  
Por Jaqueline Talga, 02/02/2016.

Comunidade  
Quilombola  
Porto Leocárdio,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geisla  
Aguilar,  
17/01/2016.

A cana, não tem muito tempão que  
ela tá aqui não, é que eu não sei falá  
que tempo. Mas é que tem poco  
tempo. Essa aqui memo tem poco  
tempo que ela veio, tinha mais pra lá,  
mais pra frente, agora mais pra cá, se  
tivé uns cinco ano, seis ano. As cana  
veio, antes era só matona memo, aí  
o povo veio, aí foi só chegando, foi  
chegando mais pra perto né?

Dona Ana Machado Lopes, 58 anos  
janeiro 2016

Minha mãe tá  
com 94 anos,  
é nascida e  
criada ali.  
Que aqui a  
gente muda,  
muda assim,  
muda a casa,  
mas o local é  
o mesmo.

Dona Ana Machado Lopes,  
58 anos  
janeiro 2016

Comunidade Quilombola Porto Leocárdio,  
São Luiz do Norte/GO.  
Por Cristiane Ventura, 16/04/2016.



Toma um cafezinho.

Toma mais um outro.

Tomô. Mas não foi aqui.

**Dona Domingas Rosaria  
Machado Lopes, 61 anos**  
janeiro 2016

**Dona Domingas, 61 anos, e seu Sabino Machado Lopes, 59 anos. Bandeiras de Nossa Senhora Aparecida e São João. Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



60 |

Finado meu pai, Abadio, que passou a bandêra pra cá.

**Seu Sabino Machado Lopes, 59 anos**  
janeiro 2016

Meu tio, era promessa dele, meu tio Abadio. Aí ele fazia, aí e nós todo ano ajudava lá, nós trabaiava. Aí meu tio mudou pra Goianésia, ele era fazendêro, aí ele levou pra lá a bandêra. A gente ia visitá ele no hospital, ele sabia que não ia escapá mesmo, ele mandou a bandêra pra roça de volta, aí que ele me deu pra mim trazer, que eu ajudava lá muito. Eu segui pra frente pra ele.

Nóis faiz janta, depois tem o leilão, reza. Janta primeiro, depois reza. Quando dá certo, a gente faz um forró, dá um agrado.

**Dona Domingas Rosaria Machado Lopes, 61 anos**  
janeiro 2016

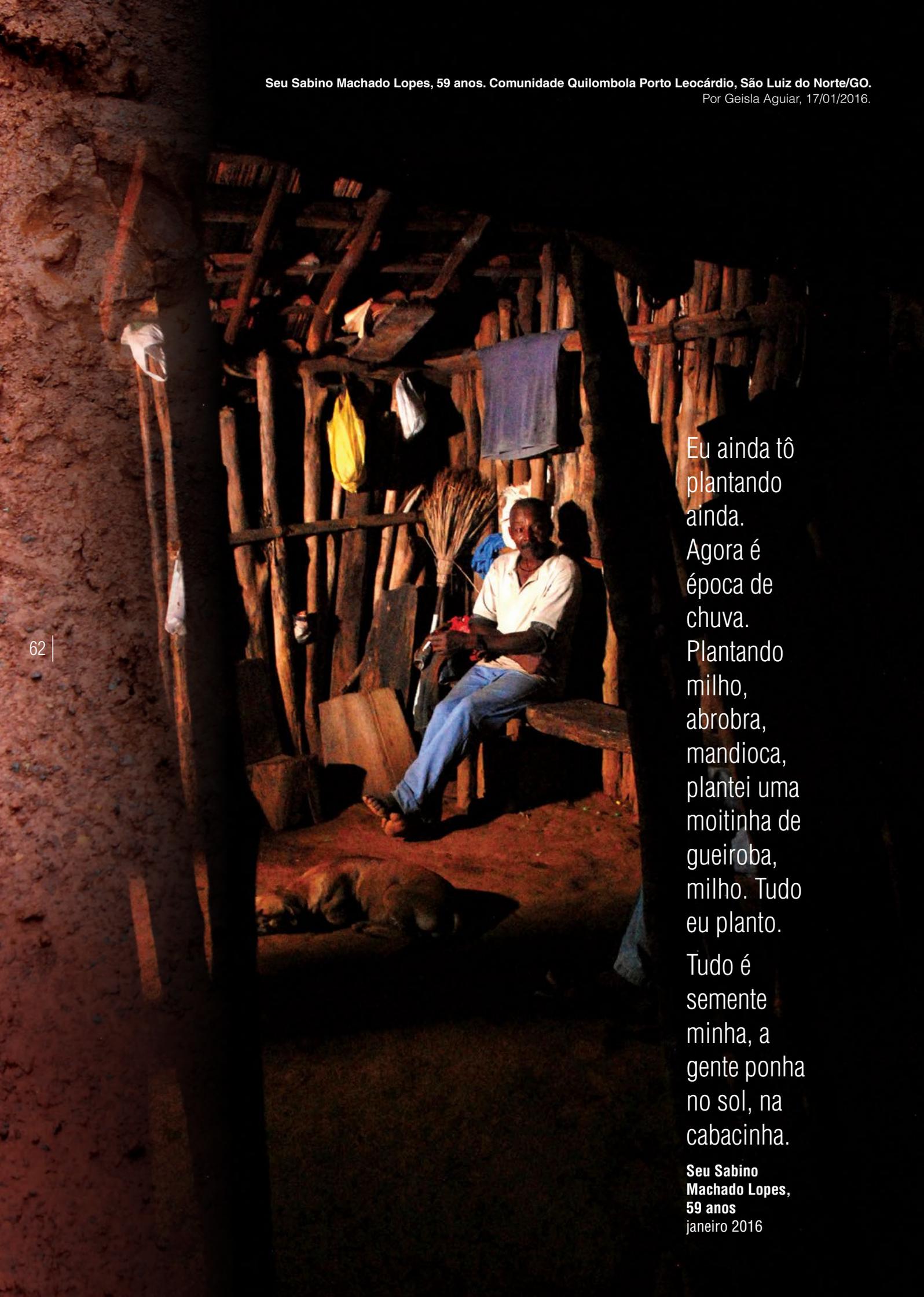
Eu durmo é no chão memo, uai! Jesus, que é Jesus, nasceu entre a paia e o chão, não é não?! E por que a gente não pode dormir em baixo? Dórmi de boa, não é, menino?!

**Dona Domingas Rosaria Machado Lopes, 61 anos**  
janeiro 2016



| 61

**Comunidade Quilombola Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO.**  
Por Cristiane Ventura, 16/04/2016.



Eu ainda tô  
plantando  
ainda.  
Agora é  
época de  
chuva.  
Plantando  
milho,  
abrobra,  
mandioca,  
plantei uma  
moitinha de  
gueiroba,  
milho. Tudo  
eu planto.  
Tudo é  
semente  
minha, a  
gente ponha  
no sol, na  
cabacinha.

**Seu Sabino  
Machado Lopes,  
59 anos**  
janeiro 2016

# COMUNIDADE DE LAVRINHAS DE SÃO SEBASTIÃO

SÃO LUIZ DO NORTE/GO

Seu Pedro  
Machado  
Lopes, festeiro.  
Festa de São  
Sebastião.  
Comunidade de  
Lavrinhas de  
São Sebastião,  
São Luiz do  
Norte/GO.  
Por Geisla  
Aguiar,  
17/01/2016.

Acender as velas pra iluminá os  
nossos que estão no cemitério

Seu Pedro Machado Lopes (Pedro Cachimbo), festeiro  
janeiro 2016

Essa Lavrinha começô, toda vida essa Lavrinha foi os mais véi, São Sebastião no tempo dos escravos, né?

É, e ficô esse pedaço de terra pra São Sebastião, né? Aí ficô, mas aí tinha um senhor que morava aí dentro.

Eu não conheci, não foi do meu tempo, né? Foi meu avô e meu pai que falava, que eles tinha 360 negros que trabalhava no garimpo e na roça. Aí, eles chamavam Romão. Aí, com o passar do tempo, ficou o filho, o Umbilino.

Foi passando um pro outro.

Último que teve foi o Umbilino, que foi pai do meu avô, mas, quando eu existi, já tinha acabado os escravos, né?

Já tava acabando, daí pra cá, que entrô a liberdade, né?

O branco que era o senhor, né? Eles juntava os negros pra trabalhá pra ele, né?

Meu teterevô, ele era o senhor dos negros aqui da Lavrinha.

Ele era o chefe, o senhor, né? O senhor discriminava os negros todin, né? O negro que fizesse errado saía, né? Já vendia pra outro senhor lá. Agora o negro que respeitasse não saía um. A maioria quase tudo que trabalhava com esse senhor era negro, era os pretos que trabalhava.

Pois é, agora, por conta que era negro, tinha que trabalhar de graça.



Quando um pessoal sertanejo do lugar encontrou a imagem de São Sebastião à beira de Buriti Queimado, que é um lugar mais abaixo de Lavrinhas. Aí, com isso, aí começou... até tem uma lenda que fala que ninguém conseguia pegar, nem um junta de boi conseguia tirar do local. Aí, com o pessoal da época reunido, o pessoal sertanejo do lugar e os

negros, aí, devido essa imagem de São Sebastião e as orações que eles fizeram, conseguiram tirar do lugar e trazer para Lavrinhas. Que é isso que eles falam, que é a mesma imagem que está na Igreja, enquanto que outros falam que a imagem foi tirada e levada para Roma.

Eurípedes Alves Ribeiro, 48 anos  
abril 2016

Igreja de São Sebastião.  
Festa de São Sebastião.  
Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO.  
Por Geisla Aguiar,  
17/01/2016.

São Sebastião santo, rei do mundo poderoso, livrai-nos da peste e do mal contagioso.  
São Sebastião santo, rei do mundo Portugal, valei-nos sempre Senhor com vosso natural.  
São Sebastião santo é de Jesus querido, livrai-nos da peste e do maior perigo.  
São Sebastião santo é de Jesus fiel, livrai-nos da peste e da guerra cruel.  
São Sebastião santo, rei do mundo refulgente, dê à luz para que eu o veja lá na glória eternamente.  
São Sebastião santo, do céu a alegria, valei-nos sempre senhor Jesus, José e Maria.

...

Santa Maria mãe de Deus, no vosso ventre nasceu Jesus.  
Santa Maria, virgem mãe de Deus, rogai a Deus por nós, livra-nos dos pecados.  
Rogai na hora da nossa morte, amém, Jesus, Maria e José.  
Glória seja ao Pai, Glória seja ao filho, Glória ao Espírito Santo e seu amor também.  
Ele é um só Deus, em pessoas três, agora e sempre, sempre amém.

**Trecho do terço cantado, da novena de São Sebastião**  
janeiro 2016



Dona Angélica Serafim Lemes, 76 anos. Festa de São Sebastião. Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

## Quem canta reza duas vezes

Dona Iranita Oliveira Silva Ribeiro, 49 anos junho 2016



Seu Rogério, festeiro. Festa de São Sebastião. Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Jaqueline Talga, 17/01/2016.

O que o festeiro faz na festa?  
Festeja! Leva o leilão, fogo, solta muito fogos, mas é bão até!  
Reza uma coluna do tiro, solta. Reza outra, solta.

Dona Ana Machado Lopes, 58 anos junho 2016



Seu João Coco, caixeiro. Marcha do chorado. Festa de São Sebastião. Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

Aqui vai as três pessoas  
Aqui vai as três pessoas  
Da santíssima trindade  
Pai, filho, espírito santo  
Pai, filho, espírito santo  
Para sempre amém Jesus  
Viva São Sebastião  
Viva os festeiros  
Viva os convidados

**Cantiga da marcha do chorado**  
janeiro 2016

Ocê vê minha mãe, ela é boa pra dançá o chorado, mas ela dançava bonito. Todo mundo gostava, que ela dançava ligêro, assim, ligêro. Agora ela não dança mais, que ela é velha. Dançava de saia, aquela saiona. Tem uma menina na Buicaina lá, ela dançava com uma garrafa na cabeça. Mas cê vê, é até engraçado, é bonito vê dançá.

Dava muito namorado ali. Pro cê vê, quando terminava o chorado, aí ia pro forró, nós dançava o forró, mas agora ficou tudo deferente.

**Ana Machado Lopes, 58 anos**  
janeiro 2016



Dalva e Junior dançando o chorado. Festa de São Sebastião. Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.



Rosemira e Junior dançando o chorado. Festa de São Sebastião. Comunidade de Lavrinhas de São Sebastião, São Luiz do Norte/GO. Por Geisla Aguiar, 17/01/2016.

Ela descia com o joelho até o chão e a garrafa na cabeça e não caía. Que dia que eu dô conta! Dô conta não! Eu gosto é do tambor, sabia muitas cantigas bonitas do tambor lá na Lavrinhas, porque meu pai é de lá. Meu pai bebia muita pinga, mas não no copo, bebia era no coité. E eu bebia era na garrafa. Nós repartia a garrafa no meio, e, se ela embebedasse com isso aqui, ela me pagava e, se eu embebedasse, eu pagava ela. E ela embebedava e eu ganhava um litro de 51. Eu não embebedava não, porque colocava um tento, que era um caroço de milho embaixo da língua.

**Antônia Baião da Chaga, 96 anos**  
março 2016



Tirei palha  
Rastei palha  
Tirei leite pra bebê  
Quem ama mulher casada não tem medo de morrer

Canoinha de jangada me põe do lado de lá  
Eu não sou filho de peixe para eu saber nadar

É, canoro, canoro quê qui traz nessa canoa?  
Trago ouro, trago prata, trago muita coisa boa

Plantei pimenta, nasceu jiló  
Aproveita morena que é ouro só  
É ouro e só  
É ouro e só

A saia custô dinheiro  
E dinheiro custô ganhá

**Cantiga do chorado**  
janeiro 2016

Franciele e Dona  
Dalva dançando o  
chorado. Festa de São  
Sebastião. Comunidade  
de Lavrinhas de São  
Sebastião, São Luiz do  
Norte/GO.

Por Geísla Aguiar,  
17/01/2016.

# COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO BORGES VIEIRA

URUAÇU/GO



Mudou muito, né? Isso aqui a gente começou do nada isso, nem isso aqui não existia, a gente começou em casa, fazendo em casa. A gente fazendo, trabalhando, chamando as menina, chamava uma, chamava outra, porque aqui é associação, então ajunta, né? Ajunta as pessoas. Então eu antes trabalhava no colégio, né? Trabalhava pelo estado, então, até então. Aí, a gente foi indo juntando as pessoa aqui, aí a gente já fez o curso aqui e já começou a trabalhar.

**Dona Vitalina Gouveia de Sá, 52 anos**  
janeiro 2016

Associação da  
Comunidade  
Quilombola João  
Borges Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.



ACESSE O VÍDEO  
DA COMUNIDADE  
JOÃO BORGES  
VIEIRA

Diversifica bastante o artesanato, né? E o sonho da Domingas sempre foi ter, não sei se ela contou pra vocês, a casa das Marias Negras, né? Eu acho assim que é a realização de um sonho já de criança, né? Então, assim, a gente entrou já nessa parte de realizar o sonho dela, né, que era ter essa casa de bonecas negras, não só pra gente que é adulto, mas também pras crianças encontrá uma boneca nas quais ela se identifica, né?

Josilene Ferreira da Silva,  
29 anos  
janeiro 2016

Marias Negras. Comunidade  
Quilombola João Borges Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla Aguiar, 27/11/2015.



Dona Vitalina Gouveia de Sá, 52 anos,  
e Josilene Ferreira da Silva, 29 anos.  
Comunidade Quilombola João Borges Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla Aguiar, 18/01/2016.



As mulheres mesmo têm uma certa resistência em aceitar a mudança, né? Aceitar essa novidade, até mesmo que a Vita tava contando que aceitou, né? Então, assim elas às vezes estão tão acostumadas a viver ali naquele mundinho, naquela vida, naquele ritmo, que elas resistem um pouco em aceitar o nosso convite de vir aqui e de aceitar a mudança, né? Porque, assim, elas já têm ali, por exemplo, a sua faxina pra fazer e vai ganhar aquele tanto ali, elas vão arriscar deixar aquilo ali pra vim num projeto, pra começar fazer uma coisa que elas não sabem, que é novidade, né? Será que realmente vai me dar o mesmo dinheiro que eu tiro ali na minha faxininha diária? Às vezes a gente convida, umas vêm, outras né assume, igual a Vita assumiu, abraçou a causa, muitas abraçaram, muitas desistiram.

A gente acredita que um dia todas vão abraçar a causa e vão querer caminhar com a gente.

**Josilene Ferreira da Silva, 29 anos**  
janeiro 2016



Comunidade  
Quilombola  
João Borges  
Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla  
Aguiar,  
18/01/2016.

Ah, meu esposo não gostou muito na primeira vez não: “não isso aí não dá certo”. Mas agora ele não, ele chega em casa tem agulha espetada pra todo lado,

em cima do sofá, eu falo: “não senta, não senta”. Aí, já tá acostumando, mas num gostou muito no início não.

**Dona Regina Ferreira dos Santos, 39 anos**  
janeiro 2016

Ah, o bom é que reúne todo mundo e cada um faz uma coisa, mostra pra um, você pode tá triste, aí vem um “ah, eu fiz isso aqui, fiz isso aqui”. Aí cê vai vendo, cê vai animando. Porque eu não faço só isso, eu faço crochê, eu faço qualquer pouquinho de trem, eu faço não todos, não sei tudo não, mas um pouquinho eu faço. Aí, quando cê tá trabalhando assim, cê interte. Cê tá quieto lá, cê pega um bordado, vai fazer, num instantinho cê vai fazendo, cê esquece de tudo, né? Aí, o bom é isso!

**Dona Isabel Ferreira dos Santos, 43 anos**  
janeiro 2016



As irmãs Dona Regina  
Ferreira dos Santos,  
39 anos, e Dona Isabel  
Ferreira dos Santos,  
43 anos. Comunidade  
Quilombola João  
Borges Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla Aguiar,  
18/01/2016.



Uai, foi bom. Fiz mais amigos, que eu não tinha, né? Aprendi bastante com elas lá. Tem umas que nem participa, mas já vou na casa

delas pra aprender o que elas faz, bordar, fazer crochê, tô aprendendo fazer crochê depois de tudo isso. Tô fazendo crochê. É divertido!

**Dona Regina Ferreira dos Santos, 39 anos**  
janeiro 2016



O sonho dela, toda vida, foi de trabalhar com facção e depois ela já hoje tem as filhas, o sonho dela sempre foi de trabalhar com as

filhas dela, na casa dela. E, hoje, assim, pra gente, quando eu falo, até falei da outra vez, tenho grande orgulho de saber que hoje ela tem

uma grande facção, porque pra nós é grande, né, Tia Júlia?!

**Domingas Quilombola, 43 anos**  
janeiro 2016



Seu Célio da Silva Santos,  
na preparação da Folia de  
São Sebastião. Comunidade  
Quilombola João Borges  
Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Geisla Aguiar, 18/01/2016.



Folia de São Sebastião.  
Comunidade Quilombola  
João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.

Aqui na nossa região, toda vida teve folia, em Uruaçu, toda vida teve folia, mas, assim, num era aquela coisa, assim mais escondida. Às vezes, os foliões faziam um pouso de folia, lá tava o dono da casa e três pessoas. Então, a partir de 2011, que a gente iniciou essa folia de São Sebastião...

Aí a gente conversou com o alferes da folia e ficou pra gente colocar a tradicional folia de São Sebastião, porque ele só ia fazer um ano e depois ia parar...

Aí a gente entrô no consenso e nós faz aquela chegada lá na associação, porque o São Sebastião, ele é o padroeiro do nosso projeto, né? De um tão sonhado sonho, que a gente sonhou em 2016. No primeiro dia útil do ano, a gente recebeu a notícia do nosso projeto "Minha casa, minha vida quilombola", tinha concretizado, então, foi um sonho pra nós. Aquela chegada ontem, tudo aquilo ali é um festejo, de agradecimento, né? Cada um tem a maneira de agradecer e nós, é com a festa, a moda de tambor.

**Gislene Luís da Silva, 35 anos**  
janeiro 2016

Eu herdei essa herança dos meus bisavôs, porque os meus bisavôs era guia de folia. Aí o meu avô, meus tios, a minha mãe até hoje canta nas folias, né? Ela é contra-guia e foi assim passando deles pra mim e eu vi, né, aquela tradição e eu fui achando interessante. Antes eu só via os grupos de folia, que é folia de Santo Reis, do Divino Espírito Santo, Divino Pai Eterno e a gente tem uma folia tradicional na zona rural, que é a folia a cavalo e é uns cem cavaleiros, né?

**Gislene Luis da Silva, 35 anos**  
janeiro 2016



A tradição da gente passando da gente pra eles. Eles não vão deixá aquilo que a gente gosta acabá.

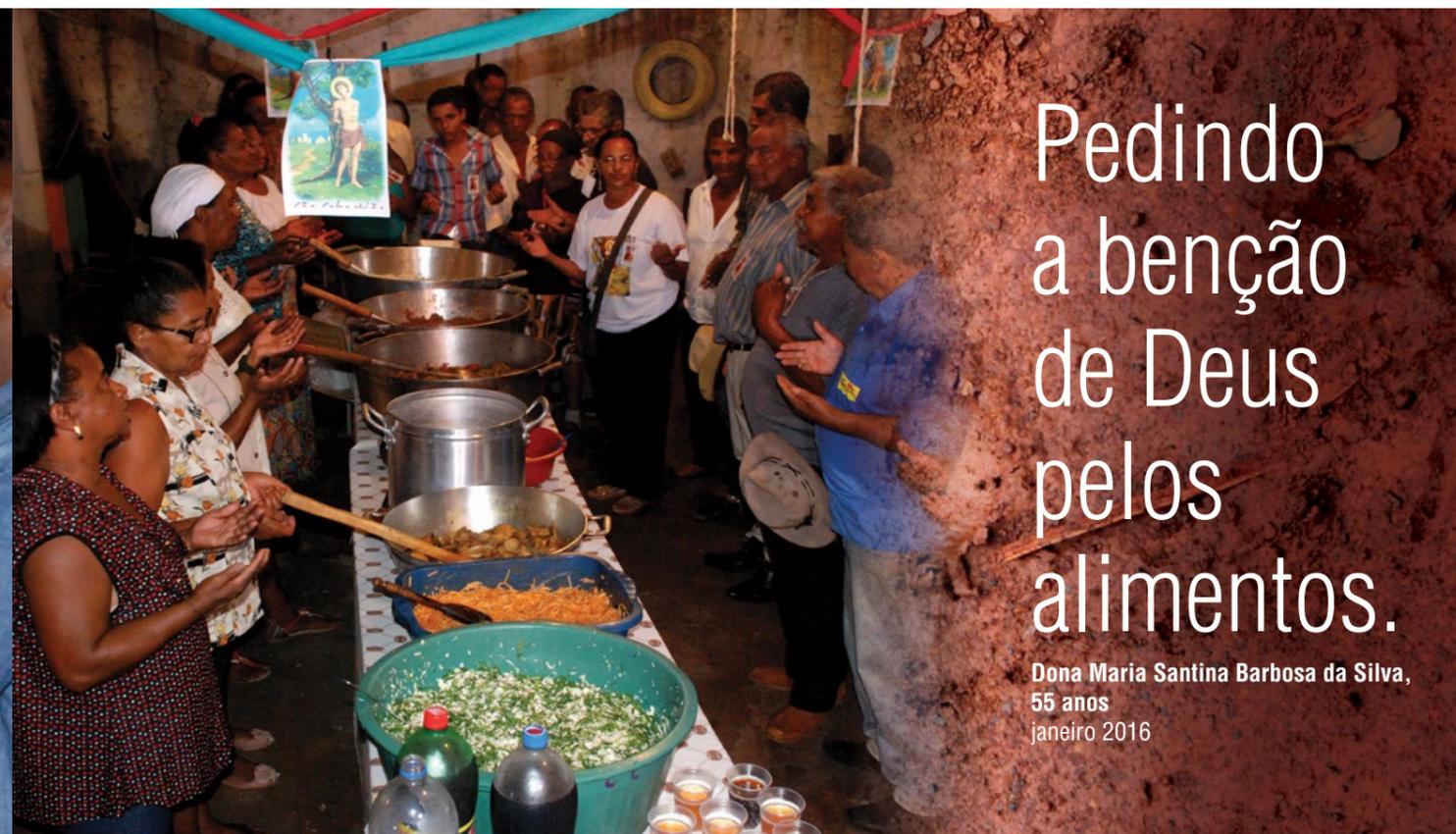
**Seu José Américo Pereira, 48 anos**  
janeiro 2016

Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Folia de São Sebastião, Uruaçu/GO.

Por Geisla Aguiar, 18/01/2016.

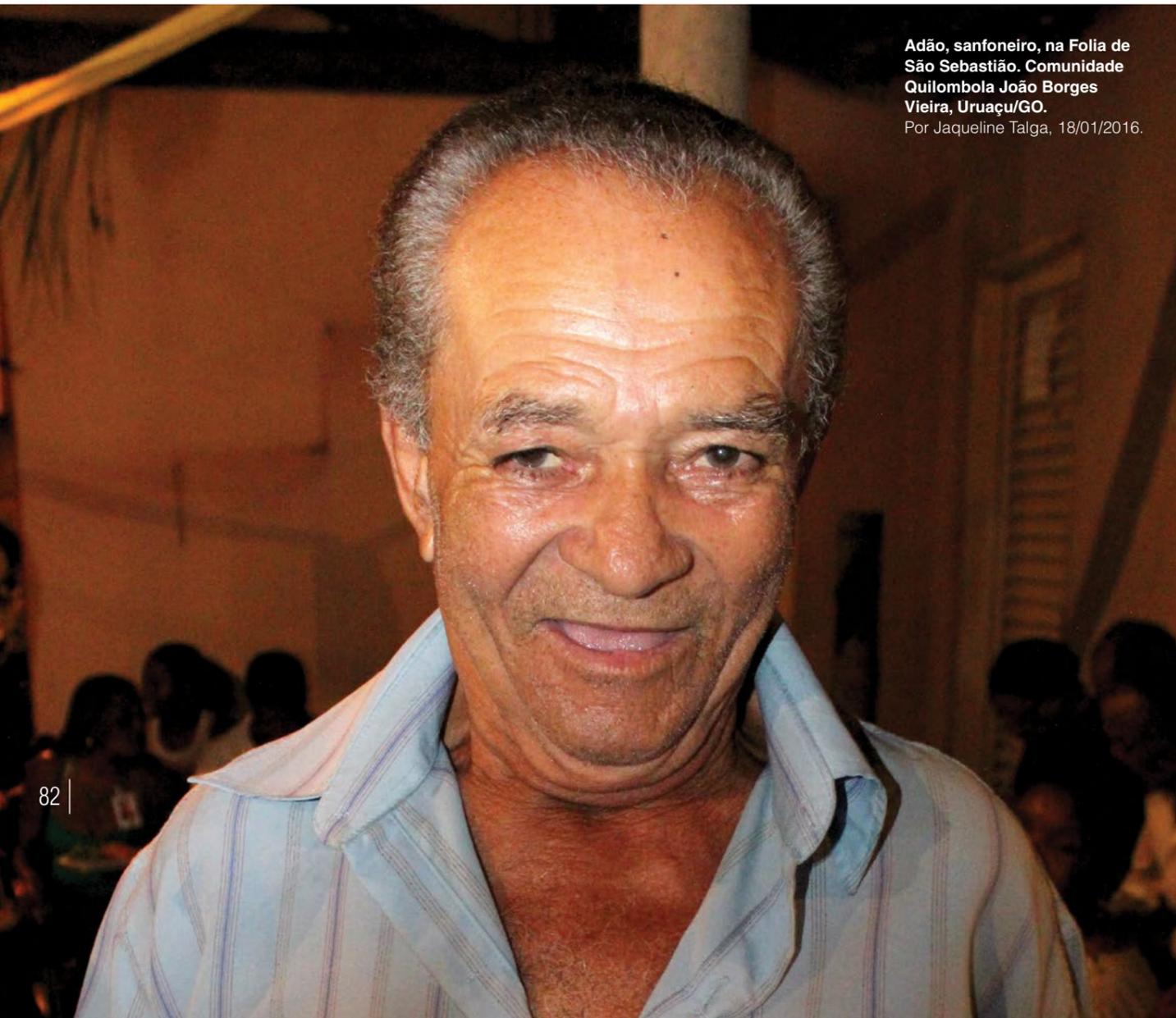
Como se diz, é muito importante conquistá muitas pessoas que gosta tamém. E ali a gente dá continuação pra frente. Não deixar a tradição acabá. Que antes eu não tocava instrumento, nem nada, que eu entrei assim, sem sabê nada. Hoje, quase todos os instrumentos da folia eu toco.

**Seu José Américo Pereira, 48 anos**  
janeiro 2016



Pedindo a benção de Deus pelos alimentos.

**Dona Maria Santina Barbosa da Silva, 55 anos**  
janeiro 2016



Adão, sanfoneiro, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.

Essa questão de religiosidade dentro das comunidades nós vêm enfrentando em todas as comunidades do estado de Goiás e região. Que que acontece. Porque, como que a gente sabe, a questão dos negros têm suas devoções, outros são os de orixás, e nós da comunidade existe muito a igreja evangélica, eu acho que você deve ter visto aqui na nossa comunidade, temos evangélico. Nós perdemos rezadeiras, eu perdi tambozeiras por conta da igreja, que tem igreja que não aceita, Então, a gente tá sofrendo muito aqui dentro das comunidades, seja aqui ou lá na comunidade rural.

Domingas Quilombola, 42 anos  
novembro 2015



Dona Cândida da Silva Rocha e Seu Francisco Pereira da Gama, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.



Junto com as minhas irmãs, eu rezo os bendito...  
Pulava catira.  
Eu era terrível.

Dona Cândida da Silva Rocha, 58 anos  
junho 2016

Seu João de Deus e Dona Osvaldina, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO. Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.



Ê meu Deus do céu. Eu estou falando que não perdia festa, eu andava na folia, na festa do Puba, eu batia tambor a noite inteira para o povo pular. No outro, eu amanhecia com a mão inchada de tanto bater tambor.

Dona Ilda Borges Geralda de Sá, 74 anos março 2016



Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO. Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.

É nossa cultura. E sem a nossa tradição nós não somos nada, a gente perde o sentido de lutar.

Domingas Quilombola, 43 anos novembro 2015



Dona Domingas Gouveia de Carvalho (Domingas Quilombola), 43 anos, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO. Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.



Começa a nossa moda, na viola e violão  
 A moda segue a catira com os amigos, união  
 Eu sigo na cantoria, canto com meu coração  
 Conto aqui uma história  
 Guardem firme na memória  
 De um povo e sua paixão

Fazemos o nosso grupo  
 Seguindo a tradição  
 O nome "Paixão Goiana" traz a nossa emoção  
 Somos filhos de Uruaçu, terra boa do sertão  
 Seguindo a fé no caminho, na Folia do divino  
 E de São Sebastião

Agradecemos demais essa nossa união  
 Agradecemos demais, dançamos pedindo paz  
 Nos pés e também com as mãos

**Música do grupo de catira Paixão Goiana**  
 junho 2016

Uai, pra mim, como se diz, antes a gente tinha a catira como só o grupinho que pulava mesmo. Hoje, já é importante pra gente quando vai pular uma catira. Quando o povo já sabe, cê não encontra só uma pessoa, muitas pessoas esperando a apresentação, da mesma forma para gente. Igual a gente, já fez muitas apresentação, como se diz, foi muito apoiado por muitas pessoas, como se diz, coloca a gente lá em cima. Que antes, a gente chegava ali, o que tava na casa era aquilo, ninguém participava. Hoje todo mundo já qué participá tamém, como se diz, chega a catira e o espaço não cabe.

**Seu José Américo Pereira, 48 anos**  
 janeiro 2016



**Grupo de catira Paixão Goiana, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.**  
 Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.

**Seu João, na Folia de São Sebastião. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.**  
Por Jaqueline Talga, 18/01/2016.



É uma cultura que já vem de tradição, dos antepassados, dos bisavôs, avôs tinha essa tradição, tô segurando aí essa tradição. Não pode deixar parar, né?!

**Seu José Américo Pereira, 48 anos**  
janeiro 2016

**Seu Antônio Ferreira Guimarães, 95 anos. Bairro São Vicente, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 12/03/2016.



Aqui era fazenda. Nós veio pra aqui em 1938, 38 não, 28, tá pra fazer 100 ano, né?! Tinha umas vinte casa mais ou menos, não tinha cem pessoas aqui não.

**Seu Antônio Ferreira Guimarães, 95 anos**  
março 2016

O João Borges, ele foi o primeiro remanescente, não vamos falar negro, né? Porque existe outros negros, porque ele foi o primeiro remanescente do Quilombo do Pombal que veio pra Uruaçu.

Aí, devido ele ter vindo pro bairro São Vicente, que hoje é o bairro Quilombola, a associação Quilombola deu o nome João Borges Vieira, em homenagem a ele, né?!

**Gislene Luis da Silva, 35 anos**  
janeiro 2016

**Bairro São Vicente, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 12/03/2016.

Fazia cama de pau de jirau, os bancos era de jirau, os móveis era tudo confeccionado assim. A gente fazia o banco, colocava

quatro madeiras, amarrava com cipó, e as camas do mesmo jeito. Tudo era da natureza.

**Domingas Quilombola, 43 anos**  
março 2016

**Crianças, Bairro São Vicente, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 12/03/2016.



Às vezes,  
a gente  
chegava lá,  
os trem tudo  
amontoadinho  
para ir  
embora e ela  
tranquila,  
sorrindo,  
falando que a  
gente iria ter  
que ir embora.  
E nós?  
Uai, mãe?  
Mas, o que  
aconteceu?  
E ela dizia  
que fulano  
tinha ido lá  
e mandado  
nós embora,  
e seu pai já  
foi caçar outra  
fazenda pra  
nós ir. Então,  
assim, ela  
não passava  
aquele  
desespero pra  
a gente.

**Domingas  
Quilombola, 43 anos**  
março 2016



**Casa de Dona  
Ilda Borges  
Geralda de  
Sá, 74 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
João Borges  
Vieira,  
Uruaçu/GO.**  
Por Jaqueline  
Talga,  
14/03/2016.



**Dona Ilda  
Borges Geralda  
de Sá, 74 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
João Borges  
Vieira,  
Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena,  
14/03/2016.

**Eu não sou pobre.  
Sou fraca de situação.**

**Dona Ilda Borges Geralda de Sá, 74 anos**  
fevereiro 2016.



Que quando é  
filho único, ou vira  
lobisomem, ou vira  
mula sem cabeça.

**Dona Maria Santana Barbosa da Silva, 55 anos**  
março 2016



Casa de Dona Antônio Baião de Chagas, 96 anos.  
Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Daniel Sena, 14/03/2016.

Eu vi. Quando eu e Seu José aqui, na beirada o feijão de corda, ele vinha assim comendo o feijão, e nós olhando. Ele pegava porco, lambuzava na lama. Eu vi muitas vezes! Meus meninos morriam de medo dele, era um cachorrão. E virava lobisomem mesmo. E os meninos perguntavam se ele come, e eu falava que come, e ficava olhando pelo buraco. Praga de mãe não é brincadeira não, Eu quebro no cacete, mas não abro a boca para colocar uma praga em um filho meu.

**Dona Antônio Baião de Chagas, 96 anos**  
março 2016

Saiu na marra,  
ninguém saiu  
porque quis  
não!



Quibano na casa de José Borges Rodrigues, 82 anos.  
Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.  
Por Daniel Sena, 14/03/2016.

Saiu  
apanhando!

**Tio José Borges Rodrigues, 82 anos**  
março 2016



**Dona Antônia Baião de Chagas, 96 anos. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 14/03/2016.

Antônia Baião de Chagas. Baião é do meu pai e Chagas do meu criador...

Eu cortava umbigo de menino, é que não tinha doutor naquela época, aí as mulheres que eram as parteiras. Cortei umbigo de menino muitas vezes, porque nesse tempo não tinha doutor, tinha farmacêutico, aí nós morava pra cá, vinha aqui e nada...

Eu era curandeira, curava qualquer um. Na hora de morrer, ainda levantava ele...

Esses dias ele me mandou um recado: "tia, eu quero aquela oração que a senhora tem." Eu disse: "sei mais não, mas tenho guardada." Ai, essa oração era boa demais.

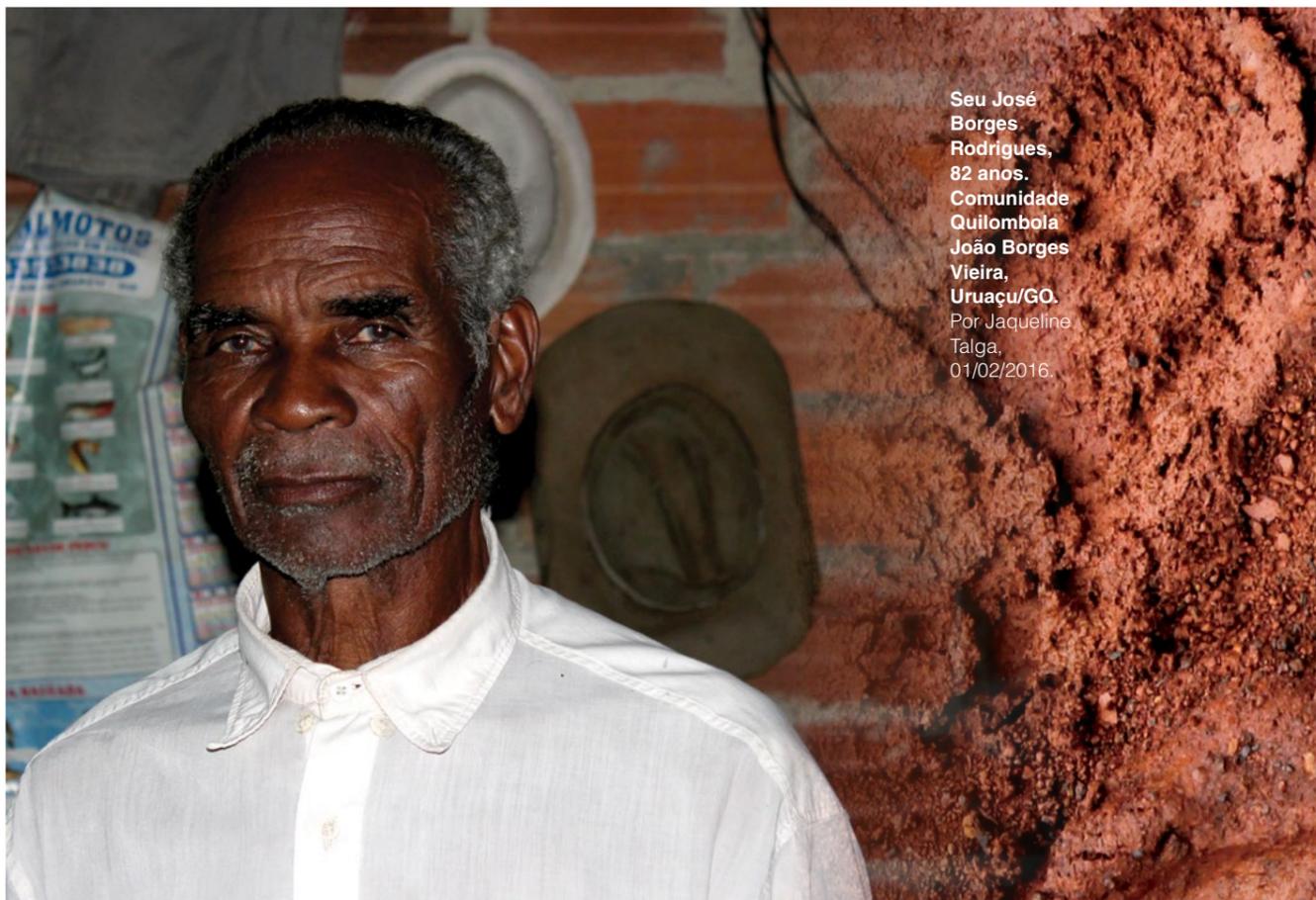
**Dona Antônia Baião de Chagas, 96 anos,**  
março 2016

Minha mãe era festeira mesmo, bebia cachaça mesmo, e meu pai era de boa, não era ciumento. Ele passava até semanas em casa e minha mãe nas festas. Ela colocava a garrafa na cabeça e saía dançando pela casa. Eu já estou treinando e um dia vocês também vão me ver dançar tambor com a garrafa na cabeça. Porque hoje só temos duas pessoas que dançam que é a mulher do meu primo, que é a Rita, e a Tia Ernestina, que dança com a garrafa na cabeça. E eu vou chegar lá. Minha avó era uma das que dançava com a garrafa na cabeça.

**Dona Maria Santina Barbosa da Silva, 55 anos**  
março 2016



**Dona Maria Santina Barbosa da Silva, 55 anos, e Dona Antônia Baião de Chagas, 96 anos. Comunidade Quilombola João Borges Vieira, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 14/03/2016.



Seu José  
Borges  
Rodrigues,  
82 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
João Borges  
Vieira,  
Uruaçu/GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
01/02/2016.

Na Mangabeira foi assim, eu estava campinano um pasto. Aí, cheguei lá, tinha um multidão de gente, e começaram... um senhor que era advogado, veio pegar assinatura dos povos véio que tinha ali. Aí, ele veio pegando aquelas escrituras véias que não tinha, mas pegava a terra era na meia, quem tivesse 100 alqueires, 50 era dele. Aí, ele veio pegando as assinaturas, naquela bondade de advogado, sabe como é? Aí lá em Goiânia tinha aqueles bazar de roupa véia e antiga, comprava lá. Também comprava bola de fumo, café e trazia. E o povo pensava: "Nossa, esse homem é bom mesmo!", porque ele trazia um pouco de remédio para cada um, um pouco de coisa pra cada um. E o povo naquela alegria. E assinava

para ele, dando a meia. Meu avô assinou, meu pai assinou, velho Agostino assinou, Maria Bernarda assinou. Aí, eles ficaram esperando esse homem trazer os documentos, e nada de documentos. Um pouco depois chegou foi o despejo, que já chegou foi com a polícia, despejando o povo. Mas, primeiro, ele veio sozinho pedindo o povo para sair, aí todo mundo falou que não ia sair não, porque moravam lá, nasceram e foram criados naquele lugar. Ele pegou a procuração deles como uma doação, chegou no cartório e passou tudo para ele. Aí, como ninguém quis sair, ele voltou para trás. Ele foi para Goiânia, pegou um caminhão de polícia, chegou em Goianésia, pegou outro caminhão de polícia.

E como ele era advogado, e tinha autoridade, aí ele pegou uma mata, começou a roçar, afirmando ser do estado e que ninguém ia mexer lá. Quando eles chegaram, o povo estava tudo trabalhando, colhendo, eles chegaram tomaram tudo, bateram em gente. O que tinha colhido o arroz, eles pegavam enchia o caminhão com o arroz solto, junto com porco, com galinha, com milho e com tudo, jogava dentro e levava para despejar em Goianésia. Voltava vinha buscar o povo lá de novo e perguntava onde eles queriam ficar e a polícia em cima, largaram um pouco em Barro Alto, um pouco em Goianésia, um pouco em Anápolis.

**Tio José Borges Rodrigues,**  
82 anos  
março 2016

De primeiro, aquele Barreirinho ali era aldeia dos índios. Eu já fiz roça lá, meu pai, meu avô. Nós fomos criados lá, nasceu e criou. O velho Orentino, que era pai do meu avô, morreu com 105 anos, nasceu e criou aí. E meu avô, que era pai do meu pai, nasceu e criou aí. Só mudou a casa. Ia roendo, roendo aquelas madeiras e ia caindo e mudava de casa, de um lugar para outro, mas era terreiro a terreiro aí.

Pois é, aí nesse tempo aí, ele foi caçar e diz que o cachorro saiu pra corrida e a mata era muito grande. Todo mundo: "é anta, é anta!" Cada um com cartucheira e espingarda. Chegou lá estava no poço assim. Tinha uns poço grande, com água limpinha. Aí, eles chegaram lá, a índia em cima do pau, aí eles elevaram a espingarda e o outro: "não mata não, não mata não." Uma mocinha de doze anos. Aí, eles pegaram, conversaram com ela, conversou com ela, conversou com ela... aí até que ela foi descendo, descendo, e eles pegaram ela. Pegaram ela e colocaram na garupa do cavalo, amarraram na cintura com uma corda. Aí chegaram na casa dele, acabaram de criar ela. Então, o filho dele casou com ela, com essa índia. Aí, casou com essa índia, e teve a minha avó, a avó Ciriaca, a Sístina que é avó de Domingas. Aí, eles ficaram, quando pensou, casou com outro, que é pai da Eugênia e da Dudu Santos, que casou com a filha de uma índia também. Foi tudo misturado. Umas morenas bonitas do cabelo comprido, tinha uma cor bonita. Mas, nervosa, porque é um prova bravo para danar. Bravo mesmo, demais. Aí casou, e foi entrando na família assim os índios.

**Tio José Borges Rodrigues, 82 anos**  
março 2016

Pois é, agora que eu conheço, o povo esparramou tudo, acabou, esparramou tudo, acabou o Barreirinho, acabou a herança lá de dentro de Barreirinho, de Barro Branco. Mas, se não fosse isso, todo mundo estava morando lá. Todo mundo nasceu e criou lá naquele lugar.

Então, eu fui criada naquele lugar lá assim, nasceu e criou tudo ali. Minha mãe, meu avô, minha avó, tudo nasceu e criou ali. O velho Ilton Borges, o velho José Borges, o velho Pedro Virgem, que era mais do córrego do Retiro, morreu também...

Que morava ali no Capim Branco, tudo era Fazenda Lagoa Seca. Quando você vai daqui pra lá, quando subiu a ponte, você vê um morrão alto, lá é Capim Branco. Aí, pega a beira do Rio dos Bois e sobe, e vai até sumir...

É o Rio dos Boi. O Rio dos Boi faz barra com o Rio Alma. Para lá do Rio dos Boi, já é Itapaci, já é outro município. Não é de cá, já é de lá. Agora, Lagoa Seca é onde que é a Placa, que pertence a Capão Verde. Aquela beira ali até Barro Alto, depois de Barro Alto pra cá, dividindo ali, descendo, na beira do Córrego Laguna, indo no ribeirão, aí pra cá é Lagoa Seca e pra de lá é Laguna. Tudo é dos Borges.



Nesse mundo em lugar nenhum tinha uma cerca de arame se qué, nenhum fio de arame, era abertão. Você viaja o dia inteirinho para chegar em um vizinho

**Tio José Borges Rodrigues, 82 anos**  
março 2016



O sofrimento daquele tempo é alegria para hoje. A alegria de hoje é aquele tempo.

**Tio José Borges Rodrigues, 82 anos**  
março 2016

**Crianças. Bairro São Vicente, Uruaçu/GO.**  
Por Daniel Sena, 14/03/2016.

E se Deus quiser, que a gente possa conquistar bem mais, para que ele possa ter. Eu falo assim não nós, mas os nossos filhos, netos, bisnetos, que possam usufruir e ter tudo aquilo que foi tomado. Vamos devolver para eles o que tiraram da gente.

**Dona Domingas Quilombola,**  
**43 anos**  
março 2016



# COMUNIDADE QUILOMBOLA DO POMBAL

SANTA RITA DO NOVO DESTINO/GO

Trabalhamos  
nas terras que  
eram nossas.

Dona Ilda Borges  
Geralda de Sá,  
74 anos  
abril 2016

Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
29/06/2016.



ACESSE O VÍDEO  
DA COMUNIDADE  
DO POMBAL

Nós aqui é  
uma família  
assim, é igual  
uma abóbora,  
uma rama só.  
Município  
aqui é tudo  
uma rama  
só: nós foi  
todo mundo  
nascido e  
criado aqui,  
nessa terra.

Dona Adelina Geralda dos Santos, 56 anos  
março 2016

Dona Adelina  
Geralda  
dos Santos,  
56 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.



Eu gosto de ter minha vida aqui, ter minhas galinha, meus porco, meu papagaio gritando ali, meus cachorro latindo aí, meus amigo.

**Seu Lourenço Borges Nunes, 41 anos**  
março 2016



**Maria Ângela  
Borges  
Cardoso,  
6 anos.**  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.



**Maria Ângela  
Borges  
Cardoso, 6  
anos, e seu  
padrinho,  
Danilo Cardoso  
Rodrigues,  
32 anos.**  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.

Igor Iury Rodrigues Nunes, 9 anos. Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO.



Nós vai fazer a festa da folia dele, nós vai fazer a festa. Tem um pouso aqui, outro pouso ali, nós vai fazer a festa da folia dele, se Deus quiser.

**Dona Adelina Geralda dos Santos,**  
56 anos  
março 2016

Por Daniel Sena, 12/03/2016.

Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO.



Por Daniel Sena, 12/03/2016.



Dona  
Aparecida  
Cardoso  
Rodrigues,  
33 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
29/06/2016.

Faz é mutirão de mão. Aí, pra roçar, igual tem pessoa assim que tem problema de saúde, né? Aí, planta uma roça, aí, vai lá junta o grupo, vai e ajuda plantá a roça. Na hora de limpá, vai e ajuda limpá. Na hora de colhê, vai e ajuda colhê. Quando não tem

o dinheiro pra pagá colhedera, aí tem de í no cutelo e batê na banca, tudo no braçal. E nós aqui, nossa família é muito pobre, não tem recurso de pagá colhedera, tudo tem que ser manual mesmo, na mão. Milho é quebrado na mão.

Dona Aparecida Cardoso Rodrigues, 33 anos  
março 2016



Dona  
Aparecida  
Cardoso  
Rodrigues,  
33 anos, e suas  
filhas Karita,  
12 anos, e Maria  
Ângela, 6 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
29/06/2016.

Logo quando que acabou a escravidão, que o meu povo da família Cardoso ficou aqui na beira do rio com os bandeirante, aí, foi o adoado naquela época, foi adoado mil alqueires pra meu avô, Tomás Cardoso. Aí, os índio pegou a perseguir, a febre, aí, eles mudaram pra arrumar o leite. Depois que retornou, que já perdeu essa terra lá, que comprou aqui. Meu avô já teve que comprar, da família Borges, dessa comunidade Borges.

**Seu Noberto Cardoso de Souza, 69 anos**

**Seu Noberto  
Cardoso de  
Souza, 69 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.**



As treição nós juntava os vizinhos, os povos lá perto, e falava assim: “oh, sábado nós vai lá na treição em fulano, para limpar a roça dele que está suja, e ele sozinho não dá conta, não tem condição de pagar”. E aí, primeiro, eles ia lá e olhava, ia lá na casa dele e olhava lá no chiqueiro, que o “capadão” estava lá. Juntava aquele povão, era meio noite e se mandava. Chegava lá, o povo já roçando. E o povo tocando viola, outro tocando sanfona, dando tiro, e o povo levantava doido assustado,

e quando olhava aquele tanto de homem com a enxada nas costas. E, aí, quando amanhecia o dia, o povo ia para lá limpar a roça do homem e nós ficava cá. As mulheres cozinhas, e os homens da casa ia matar o capado. E nós ia e fazia aquela bagunça. Quando dava de noite, era só aquela bagunça de festa a noite inteira. Quando o dia amanhecia, ia embora. Eu sei que o povo de antigamente sabia ajudar, e hoje?

**Dona Ilda Borges Borges Geralda de Sá, 74 anos  
março 2016**

**Seu Benedito  
Borges.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.**





É que aqui é três, os Cardoso, Rodrigues e Borges, então a gente tinha um espaço grande

pra movimentar. Aí com o espaço de tempo a gente foi perdendo aquela área.

Seu Noberto Cardoso de Souza, 69 anos

Os irmãos Maria Ângela Borges Cardoso, 6 anos, e Igor Iury Rodrigues Nunes, 9 anos.  
Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO.



Igor Iury Rodrigues Nunes, 9 anos e João Neto, 8 anos.  
Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO.





O pessoal falava muito igualdade racial. Não adianta cê trabalhar igualdade sem ter sustentabilidade. Se não tiver sustentabilidade, não existe esse tal de igualdade pra todo mundo.

**Dona Nailde Rodrigues Borges, 45 anos**  
março 2016

**Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.**  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016.

# Eu solto os porquim mais duentim pra andá

**Dona Albina Borges da Costa, 68 anos**  
junho 2016





Dona Albina  
Borges da  
Costa, 68 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.  
Por Daniel Sena,  
12/03/2016

Foi meus avô, né?  
Que chegou na região  
primeiro.

Eles de longe, eles  
vieram de Orópa, eles  
são oropeu, né?

Agora a avó, foi a  
mãe da minha avó,  
foi pegada, bicho,  
cachorro, assim,  
do mato, do meu  
vô também, do  
lado da minha mãe,  
né?! Foi pegada,  
que são índio, né?!  
Naquela época. Aí,  
foi transformando  
em família, né?! Que  
chegou esse pessoal  
aqui na região e foi  
crescendo a família, né?

Dona Albina Borges da Costa, 68 anos  
março 2016

Então, assim, nós tem o cutelo que corta o arroz, mas tem a colhedeira também. A gente tem o som na festa, mas tem o violão, tem a viola, tem a caixa, tem a zabumba, né?! Tem a sanfona, que, na hora de levantar o mastro, tem a sanfona, pra agradecer a mesa,



Dona Albina Borges da Costa, 68 anos, e sua filha Dona Nailde Rodrigues Borges, 45 anos. Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO. Por Jaqueline Talga, 29/06/2016.

Dona Isabel Rodrigues da Costa, 36 anos. Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO. Por Jaqueline Talga, 29/06/2016.

122 |



Mas antigamente era final de semana, era sexta de mutirão e sábado, e tudo fazia festa. Você precisava de ver!

Muita festa, um trabaivava cedo, num fazia festa, aí trabaivava na sexta e, hora dessa aí, reunia e fazia a festa. Amanhã ia fazer outro serviço, era festa de novo e assim era todo ano, Depois foi diminuindo, entrou as máquina pra trabalhá.

| 123

Dona Albina Borges da Costa, 68 anos  
março 2016

e, na hora do catira, tem a viola. Tem as missa, mas nós não vai deixar o nosso terço cantado, nós tem o nosso terço cantado, então nós nunca deixa. Então a gente consegue manter o desenvolvimento, né? Que veio depois, mas a tradição também continua aí.

Dona Nailde Rodrigues Borges, 45 anos  
março 2016



Comunidade Quilombola do Pombal, Santa Rita do Novo Destino/GO. Por Jaqueline Talga, 29/06/2016.

**Seu Silvestre  
Borges  
Cardoso,  
69 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.**  
Por Jaqueline  
Talga,  
29/06/2016.

**Seu Alquino  
Rodrigues da  
Costa, 71 anos.  
Comunidade  
Quilombola do  
Pombal, Santa  
Rita do Novo  
Destino/GO.**  
Por Jaqueline  
Talga,  
29/06/2016.

O nome do corgo é Chiqueiro. Os fazendeiro que era dono daqui tinha um chiqueirão grande. Mas o povo não gosta que chama corgo Chiqueiro não. Mas depois que aqui virô comunidade, virou Pombal um e Pombal dois.



Homem tira retrato é sério.

**Seu Silvestre Borges Cardoso, 69 anos**  
junho 2016

O feijão do começo das águas não dá bicho não.

**Seu Alquino Rodrigues da Costa, 71 anos**  
junho 2016

O primeiro ano que a gente fundou a associação já foi iniciado com plantio de lavoura comunitária, onde as famílias reuniam e trabalhou mesmo, de enxada. Nós não tinha trator, não tinha nada na época, em 2002, pedia da prefeitura, né?

Mas e aí? As outras coisas? Nós tem que ter! A pessoa não precisa só de alimento, precisa de melhoria, precisa de crescer, arrumar a casa, melhorar, ter roupa, calçado. Então vamo buscar sustentabilidade, né? Além de lavoura comunitária, projeto.

E foi aí que, em 2008, a gente começou a escrever projeto. O primeiro que eu escrevi foi selecionado e eu falei: “ah! agora eu dou conta de mais.” Aí, começamos comprar trator, comprar caminhão.

**Dona Nailde Rodrigues Borges,**  
45 anos  
março 2016



No lugar onde moro, não tem estrada não  
Por isso, meu carro é meu jipão  
Traço nas quatro roda, jogo no estradão  
Vai subindo serra, levantando poeirão  
Com meia hora de prazo, chego no Castelão  
Aonde eu vou pescar, lá no lago de São João  
Não tem estrada ruim que este carro não passa  
Por isso, esse jipe, ele é só quatro marcha  
Meu jipe é possante, meu jipe é valentão  
Na estrada de chão, parece um avião  
Meu jipe é azul, meu jipe é muito bão  
Vai de marcha ré e também só na tração  
Meu jipe é possante, meu jipe é valentão  
Na estrada de chão, parece um avião  
Meu jipe é azul, meu jipe é muito bão  
Vai de marcha ré e também só na tração  
Vai de marcha ré e também só na tração

Composição e canção de Seu José Nicolau Alves Pereira, 60 anos  
março 2016



Seu José  
Nicolau  
Alves Pereira,  
60 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
Rio do Peixe,  
Niquelândia-GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
28/06/2016.

Rio Águas Claras. Comunidade Quilombola  
Rio do Peixe, Niquelândia/GO.  
Por Jaqueline Talga, 28/06/2016.

A cantiga do rio faz eu dormi cedo.  
Sete horas já tô dormindo.

Joaquim Luis da Silva, 71 anos  
junho 2016



Comunidade  
Quilombola  
Rio do Peixe,  
Niquelândia/GO.  
Por Jaqueline  
Talga,  
28/06/2016.

Seu Joaquim Luis da Silva, 71 anos e seu neto Alfredo Henrique Luis da Silva, 14 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.



Por Jaqueline Talga, 28/06/2016.

É porque, na verdade, nós hoje vive aqui no meio rural é porque nós somo de origem da roça. Porque muitos coisa num oferece pra nós ficá aqui. Porque agressão, num vou dizer assim, agressão física pessoal, digo do



Associação de Pequenos Agricultores da Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.  
Por Daniel Sena, 13/03/2016.

veneno, pode dizer. E às vezes, pra gente que é pequeno, dá um basta nisso não é fácil. Porque, só se juntá as comunidade, nem só daqui, pra poder ir falar. Cem pessoas só num dá.

Helena da Silva Cruz, 59 anos  
março 2016

Seu Geraldo da Silva da Costa, 68 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.  
Por Jaqueline Talga 28/06/2016.



Uai! Esses quilombola a gente fala que é da geração mais antiga, né? Via falar isso, quilombola, mas a gente já é da turma mais novo e a gente achava: "ah, eu não sou quilombola mais não né?!" Mais quando vai aparecendo as coisas: "não, isso é descendência dos avós que era dos quilombola." Então, cê tem procedência dos quilombola.

**Seu Geraldo da Silva da Costa, 68 anos**  
março 2016

Júlia Gabriele, 8 anos, e Erick Gustavo, 6 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.  
Por Daniel Sena, 13/03/2016.



Povo falava de mula sem cabeça, lobisomem. Eu já ouvi falar isso, mais eu nunca vi, graças a Deus. Então, eu não afirmo, porque eu nunca vi.

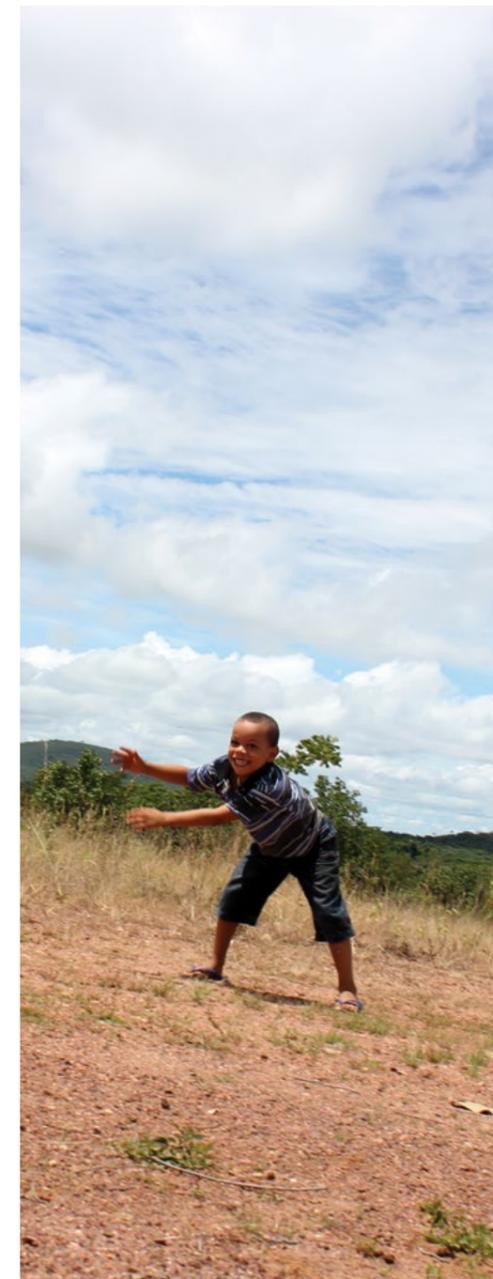
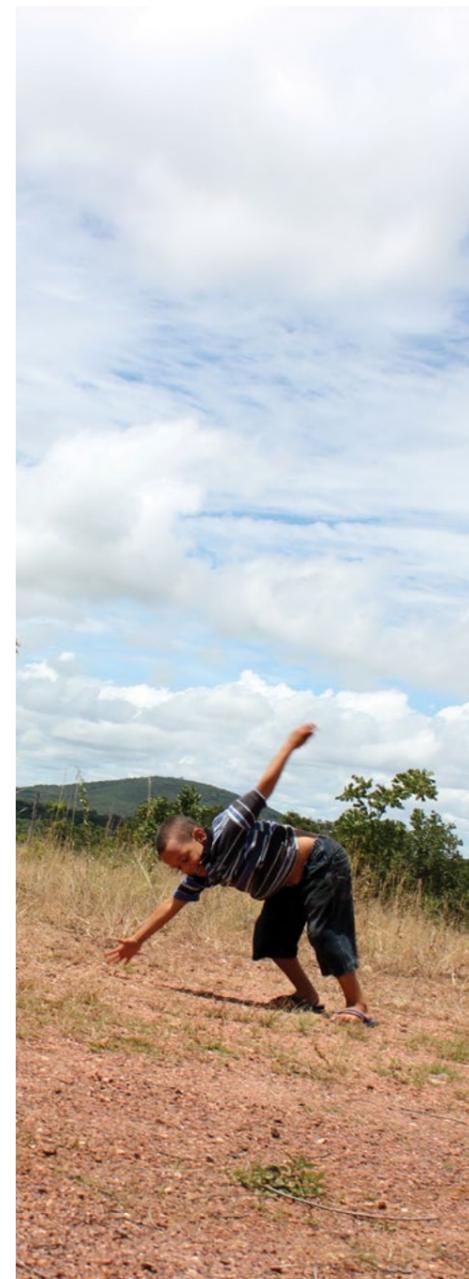
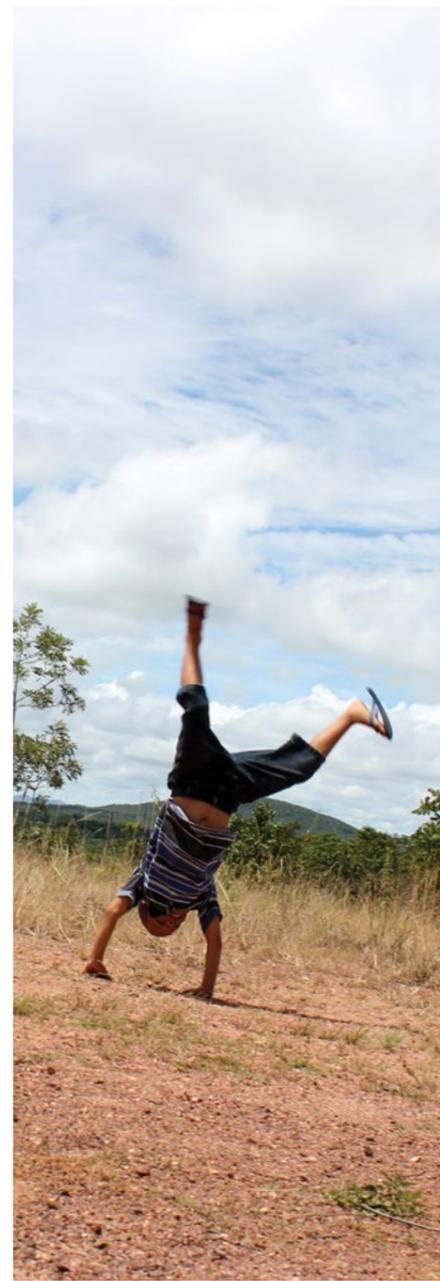
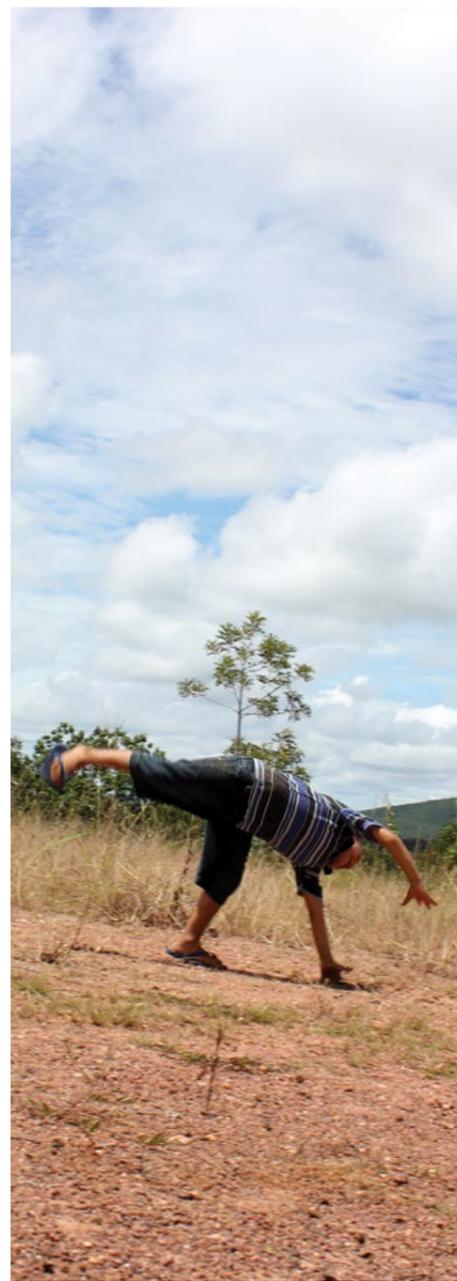
**Helena da Silva Cruz, 59 anos**  
março 2016

Uai, mais pra trás um pouco parece que tinha mais prazo, tinha mais amor e tinha mais prazo. Porque família, às vez, morava um mais longe, outro morava mais perto, mais tinha prazo de tirá um dia de viagem pra ir passia na casa dos parente. Às vez, até num era parente, mais era um vizinho muito conhecido, aí tirava tempo pra ir passia na casa dele. Saía um dia, posava lá; no outro dia vinha embora.

Desse jeito. E, agora nem filho num frequenta casa de mãe quase. Porque envolve com o serviço. E o serviço agora mudô. É de dá influência mesmo. Povo agora só trabaia no maquinário. Gente véia num trabaia de maquinário, porque num aprendeu. E os novo é que sabe, e eles é que trabaia mais forte. Porque os véio só trabaia é serviço grosseiro.

**Dona Josefa Rogado Rocha, 90 anos**  
março 2016





**Erick Gustavo,  
6 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
Rio do Peixe,  
Niquelândia/GO.**  
Por Daniel Sena,  
13/03/2016.

A diferença é porque esses veneno deles ataca tanto a gente. O dia que eles joga muito veneno, tem vez que dá irritação na garganta, dá dor de cabeça. Agora, eles deu pra jogar de avião. Pior ainda, né? Pior porque quando era nesses otros maquinário, no trator, era melhor, porque, assim, parece que vinha mais baixo, né? Num ia tão longe. E agora de avião,

queira ou não, você recebe muito. Então a gente tá aqui no meio, né? Tá aqui na trincheira terrível, tanto vem de lá como de cá. Tanto faz você virá de frente, como virá as costas, é a mesma coisa. Mais é levado aí até quando dé, né? Porque eles sabem, só que eles fingem que não sabem que faz tanto mal, tanto para a natureza, tanto pros seres vivos. Que nem só

os seres humanos sente, né? Porque os animais também sente. As planta da gente num fica tão bonita como era. As árvore do cerrado num fica mais grossa. Então, não é assim, num é muito fácil a gente levá a vida não, mais num tá tendo pra onde corrê, né?!

**Josefina da Silva Rocha, 55 anos**  
março 2016

**Júlia Gabriele, 8 anos, e Erick Gustavo, 6 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.**  
Por Daniel Sena, 13/03/2016.



**Dona Aguida da Silva Rocha, 64 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe.**  
Por Jaqueline Talga, 13/03/2016.



Eu mesmo não quis plantá, não tinha condição de comprá os equipamentos todos. Porque a área é pequena, pra comprar gasta muito investimento, né? Então eu achei por bem arrendá.

**Seu Geraldo da Silva Rocha, 61 anos, março 2016**



**Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.**  
Por Jaqueline Talga, 13/03/2016.

Eu acho bom morá aqui, sabe por quê? Porque a gente cria uma galinha, cria um porco, né? Tem umas vaquinha pra tomá leite, gente pranta uma horta, aí num precisa de comprá aqueles trem que eles joga veneno pra lá, né? Aqui o nosso é puro mesmo, aí a horta que a gente pranta dá, aí pra gente comê muito tempo, muito bom. É por isso que eu acho bom morá aqui na roça, é muito melhor que na cidade. Até aquele barulhão que tem pra lá, só vê zuada pra lá e aqui não, é o silêncio mesmo. Muito bom. Acho bom morar aqui. Nas fazenda, né? Que é mió, né?!

**Seu Geraldo da Silva Rocha, 61 anos, março 2016**

## Minha avó era índia.

**Dona Aguida da Silva Rocha, 64 anos**  
março 2016



**Horta de Aguida da Silva Rocha, 64 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe.**  
Por Jaqueline Talga, 13/03/2016.



Seu José da  
Silva Rocha,  
70 anos, e  
Dona Maria  
Rosária, 74 anos.  
Comunidade  
Quilombola  
Rio do Peixe,  
Niquelândia/GO.  
Por Daniel Sena,  
13/03/2016.

É, mais é só que, nesse tempo, a pessoa fazia uma roça lá no limpo do lago, na estrada vortando aqui, tinha arroz pra família toda. Tinha arroz pra dá e vendê. Arroz perdia. Um pouquinho de arroz que plantava, dava muito arroz. E aí sempre cada um tinha uma rocinha. Então, vamo supô, nós tudo aqui era vizinho, morava ali, outro pra aculá, pra aqui. Trocava dia, juntava aqui, fazia a roça aqui, aí pulava pra outro. Fazia tipo mutirão. E, até o final, pra colhê, tudo. Era desse jeito. Só porque aí, com o espaço de tempo, foi mudando, mudando, veio maquinário e as lavoura também foi. Hoje tá só na unha de gente grande, né? Os pequeno, nem rocinha pra comê hoje num tá fazendo mais, porque, igual tá aqui, se faz uma rocinha aqui, um alqueiro de roça aqui, se não vigia ela do começo ao fim, num colhe nem uma espiga, um cacho de arroz, os passarinho come tudo. Porque o povo aqui planta mais é soja. De primeiro, no começo, o povo fazia lavoura aí, plantava milho, arroz, aí tinha muito espaço pros bicho comê. Aí, duns ano pra cá, é só soja, soja, soja. Então, quem faz uma rocinha, como diz, uma xicrinha de roça, ele tem que ficá dentro dela, de noite a noite.

**José da Silva Rocha, 70 anos**  
março 2016



Essa reza, que é centenária, é a reza de São Sebastião. Então a tia Rosária casou com o ti Zé, porque era assim: antes do ti Zé casá, as irmã, cada ano uma irmã tomava conta – né, ti Zé? – as irmã mulhé tomava conta. Aí, depois que o ti Zé casou com a tia Rosária, a tia Rosária ficou sendo

a dona da casa e ela toma conta da reza todo ano, de organizá. Tem os festeiro, que organiza o jantar, mas a organização da reza, do altar, de como que tá os santo, se tá arrumadinho, do café da manhã, tudo é ela que organiza.

Gislene Luis da Silva, 35 anos  
março 2016

Já guiei e contra guiei.  
Essas pessoas mais  
velha assim, a gente  
muleque novo, dezoito  
ano, dezessete, pessoas

ali de setenta, oitenta  
ano e eu ajudando  
eles cantá em folia. É,  
mais foi um tempo bom  
dimais, nossa senhora!

**Seu José Nicolau Alves Pereira, 60 anos**  
março 2016



148

**Seu José Nicolau, 60 anos, e Seu José da Silva, 70 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.**  
Por Daniel Sena, 13/03/2016.

**Maria Auxiliadora Pereira de Sousa, 49 anos, e dois de seus três filhos, Joana, 29 anos, e João, 27 anos. Comunidade Quilombola Rio do Peixe, Niquelândia/GO.**  
Por Jaqueline Talga, 28/06/2016.



149

Meu Deus do céu,  
quero te agradecer

Com muito prazer,  
por tudo que tem me dado

Tenho esposo e três filho  
que o Senhor me deu

E está aqui do meu lado

Agora só chega aí já esquece,  
meu Deus do céu,

Posso dizer que eu  
sou muito feliz

Meu Deus do céu,  
o meu obrigado

Só quero que o Senhor  
me proteja

Cubri os meus filho  
com o Seu manto sagrado

Foi com sacrifício e muita luta  
Que hoje eles estão criado

Só peço a Deus que me proteja

E cubri os meus filho  
com Seu manto sagrado

Não posso te dar nenhum  
conforto

E nem tão pouco,  
uma faculdade

Só peço a Deus que me proteja

E cubri o meus filho  
com Seu manto sagrado

**Canção composta e cantada por  
Dona Maria Auxiliadora Pereira  
de Sousa, 49 anos**  
março 2016

150 |

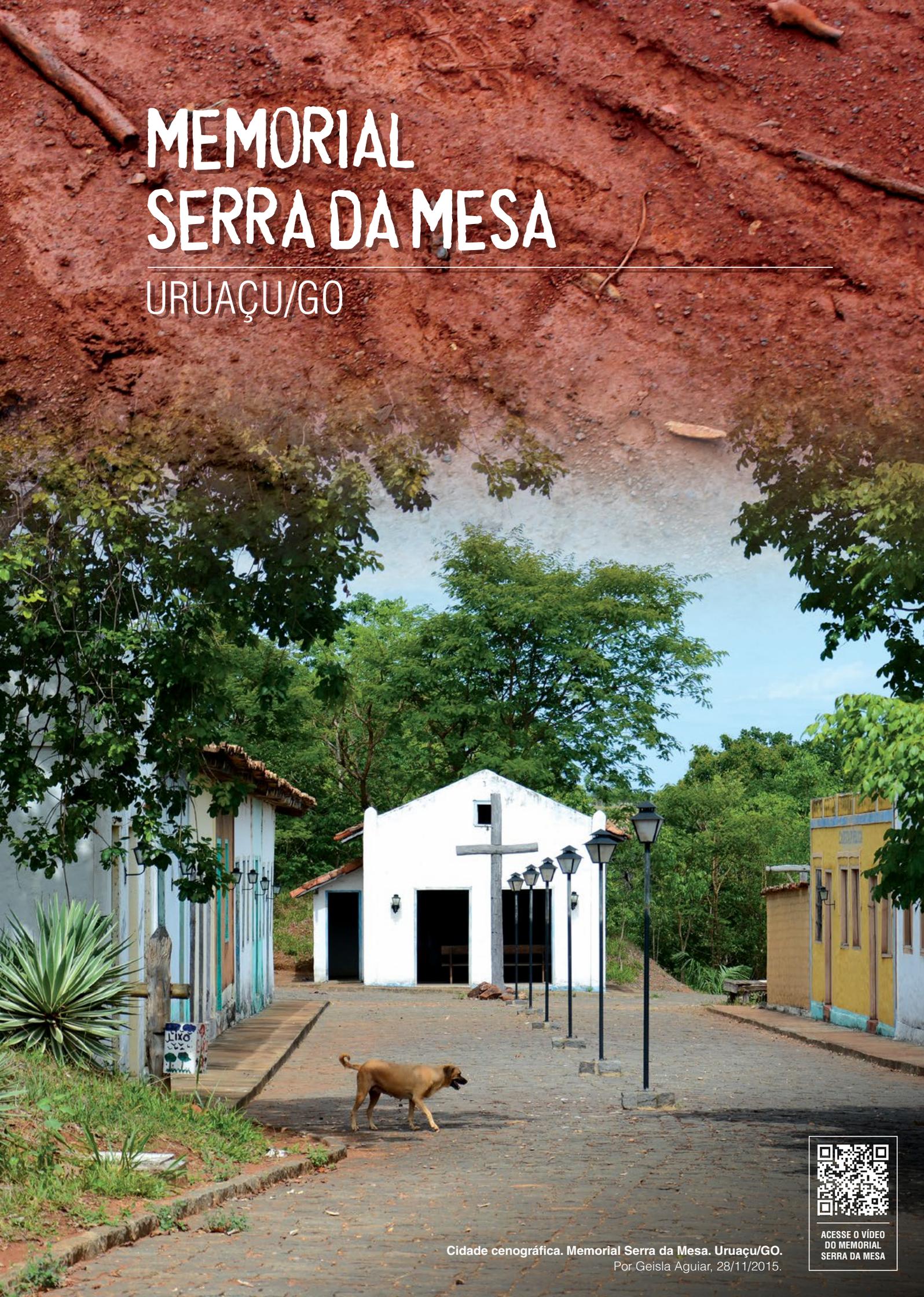
Todo mundo podia assumir o que ele faz e ninguém podia ter preconceito do que o outro faz. Cada um tinha que assumir o que faz, né?! Que nem a gente assume que a gente dança catira, eles num tinha nada a ver com isso, uai?! Aí, eles assumia o que eles faz e tudo ficava bom assim.

**Alfredo Henrique Luis da Silva,**  
**14 anos**  
março 2016



# MEMORIAL SERRA DA MESA

URUAÇU/GO



ACESSE O VÍDEO  
DO MEMORIAL  
SERRA DA MESA

Cidade cenográfica. Memorial Serra da Mesa. Uruaçu/GO.  
Por Geisla Aguiar, 28/11/2015.

Meu céu não precisa de muita coisa, e assim vou vivendo, mais um ano de vida e nem tão feliz nem tão triste, mas com liberdade e fazendo versos.

**Sivaline Pinheiro, 60 anos**  
Na obra *Proseando aqui e acolá*, de 2013





Quilombo  
Memorial  
Serra da Mesa.  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla  
Aguiar,  
28/11/2015.

Eu gosto de todos os espaços, mas o meu predileto é o quilombo, né? E a fazenda, que é aonde eu me sinto assim abraçada, eu me sinto em casa, né? A mesma coisa de eu tá em casa, vivenciando tudo aquilo ali.

Gislene Luis da Silva, 35 anos  
janeiro 2016

Pra mim, eu gosto daqui. Todo espaço que eu chego já me conquista. Eu fui nascido em região de fazenda, zona rural, aqui você faz uma partizinha de cada coisa. E, cada lugar que eu chego, eu já venci aqui, né? Todo lugar pra mim é bom.

Seu José Américo Pereira,  
48 anos  
janeiro 2016



Fazenda.  
Memorial  
Serra da Mesa.  
Uruaçu/GO.  
Por Geisla  
Aguiar,  
28/11/2015.

Os companheiro de fulia tão  
tudo morreno.

Essa viola é minha. Nós  
compramo ela em três, eu,  
Siriaco e Durvalino. Eles  
morrêro, e hoje é só minha.

Eu benzo só coisa leve, mal  
olhado, quebranti, espinhela  
caída, cobrero, dor de  
cabeça, picada de cobra, dor  
de dente e vento virado. Não  
é eu que benzo, é Deus que  
põem as palavras na minha  
boca. Que primeiro é Deus e  
depois é a fé da pessoa.

O mal olhado é irmão do  
quebrante. Um é o amor,  
o outro é o ódio. O ódio é  
o mal olhado. O amor é o  
quebrante.





# CRÉDITOS

## COMUNIDADES

### Comunidade Quilombola João Borges Vieira | Uruaçu/GO

Domingas Gouveia de Carvalho, 43 anos  
 Júlia Borges Vieira, 65 anos  
 Josilene Ferreira da Silva, 29 anos  
 Vitalina Gouveia de Sá, 52 anos  
 Isabel Ferreira dos Santos, 43 anos  
 Regina Ferreira dos Santos, 39 anos  
 Gislene Luis da Silva, 35 anos  
 Nerivaldo Martins de Carvalho, 46 anos  
 Andreia Correia Franco, 23 anos  
 Alfredo Henrique Luis da Silva, 14 anos  
 Antônia Baião da Chaga, 96 anos  
 Maria Santina Barbosa da Silva, 55 anos  
 José Borges Rodrigues, 82 anos  
 Geni Ramos Rodrigues, 55 anos  
 Ilda Borges Geralda de Sá, 74 anos  
 Aldeir Gouveia de Sá Santo, 36 anos  
 Juranilde de Souza Lima, 57 anos  
 Raiane Gouveia, 24 anos

### Comunidade Quilombola Rio do Peixe Niquelândia/GO

Geraldo da Silva Rocha, 61 anos  
 Maria Auxiliadora Pereira de Sousa, 49 anos  
 João Batista Alves Pereira, 27 anos  
 Joana Batista Alves Pereira, 29 anos  
 José Nicolau Alves Pereira, 60 anos  
 Joana da Silva Rocha, 51 anos  
 Josefina da Silva Rocha, 55 anos  
 Josefa Rogado Rocha, 90 anos  
 Helena da Silva Cruz, 59 anos  
 Maria Rosária, 74 anos  
 José da Silva Rocha, 70 anos  
 Aguidá da Silva Rocha, 64 anos

Julia Gabriele, 8 anos  
 Erick Gustavo, 6 anos  
 Marciana  
 Sueli

### Comunidade Quilombola do Pombal Santa Rita do Novo Destino/GO

Adelina Geralda dos Santos, 56 anos  
 Aparecida Cardoso Rodrigues, 33 anos  
 Lourenço Borges Nunes, 41 anos  
 Karita Rodrigues Silva, 12 anos  
 Maria Ângela Borges Cardoso, 6 anos  
 Igor Iury Rodrigues Nunes, 8 anos  
 João Neto, 8 anos  
 Danilo Cardoso, 32 anos  
 Silvestre Borges Cardoso, 69 anos  
 Noberto Cardoso de Souza, 69 anos  
 Benedito Borges

Albina Borges da Costa, 68 anos  
 Nailde Rodrigues Borges, 45 anos  
 Alquino Rodrigues da Costa, 71 anos  
 Isabel Rodrigues da Costa, 36 anos  
 Sebastião Rodrigues da Costa, 37 anos

### Comunidade Quilombola de Porto Leocárdio, São Luiz do Norte/GO

Maria Clara dos Santos Dias, 47 anos  
 Guilhermina dos Santos Dias, 57 anos  
 Pedro Vidal da Silva, 71 anos  
 Adão de Lima, 72 anos  
 Ana Machado Lopes, 59 anos  
 Damião dos Santos Dias, 64 anos  
 Domingas Rosária Machado, 61 anos  
 Sabino Machado Lopes, 59 anos  
 Sebastião dos Santos Dias, 86 anos

José dos Santos Dias, 43 anos  
 Maria Gercy de Lima, 80 anos  
 Marília de Jesus, 19 anos  
 Afonso Alves de Sá, 19 anos  
 Wender Santos Lima Alves, 21 anos

### Comunidade de Lavrinhas e Escola Municipal Lavrinhas de São Sebastião São Luiz do Norte/GO

Iranita Oliveira Silva Ribeiro, 49 anos  
 Eurípedes Alves Ribeiro, 48 anos  
 Cleonice Serafim Lemes, 37 anos  
 Marleusa de Sousa Aguiar, 8 anos  
 Luciana da Silva Lopes  
 Suenir Pereira Barbosa  
 Nilma Soares Costa Gomes, 45 anos  
 Edna Cunha Ribeiro  
 Anselmo (balseiro)  
 Jair (balseiro)  
 Angélica Serafim Lemes, 76 anos  
 Pedro Machado Lopes (Pedro Cachimbo)  
 Rosa Nilva  
 João Nunes de Amancio (João Coco)  
 Rogério festeiro  
 Dalva  
 Junior  
 Rosemira  
 Isabela Machado Lopes  
 Juliene Machado Lopes  
 Rosângela Serafim dos Santos  
 Ivanildes Dias Cardoso  
 Ana Lopes dos Santos  
 Emile Vitoria  
 Franciele  
 Natilly  
 Taína

## INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

### Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

### Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Ruberley Rodrigues de Souza

### Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

### Conselho Editorial

Claudia Azevedo Pereira  
 Erika Regina Leal de Freitas Bessa  
 Luciene Lima de Assis Pires  
 Luiz Marcos Dezaneti  
 Marcela Ferreira Matos  
 Marina Kanthack Paccini Razzé  
 Murilo Ferreira Paranhos  
 Ruberley Rodrigues de Souza  
 Simone Silva Machado  
 Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

### Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

### Organização

Jaqueline Vilas Boas Talga

### Revisão

Gustavo Lopes Silva  
 Kepler Benchimol Ferreira  
 Olliver Robson Mariano Rosa  
 Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz  
 Vinícius Duarte Ferreira

### Pró-Reitor de Extensão

Sandro Ramos de Lima

### Coordenador Executivo de Extensão

Vinícius Duarte Ferreira

### Coordenador de Extensão e Audiovisual

Cristiane Moreira Ventura

### Coordenadora de Extensão e Mapeamento

Maurílio Humberto Rodrigues Miranda

### Coordenadora Geral de Extensão

Jaqueline Vilas Boas Talga

### Pró-Reitoria de Extensão

Constantino Isidoro Filho  
 Geraldo Coelho de Oliveira Junior  
 Flavia Vianna Sgarbi de Castro  
 Denise Cândido Gonçalves  
 Renata David de Moraes  
 Eurípedes Moreira de Melo  
 Waléria Rodovalho  
 Laisy Cristina de Oliveira  
 Fernando Augusto Messias

### Educadores e Técnicos Extensionistas

Andreia Prado  
 Eleusa Maria Leão de Souza  
 Marco Átila Claudino da Cruz  
 Sandro Gomes da Silva  
 Leonardo Silva Xavier  
 Carlos

### Discentes

Anna Gabriele Carozo Borges  
 Camilla Ribeiro Araújo  
 Dâmaris Batista Ferreira  
 Daniel Pereira  
 Daniel Souza Duarte de Sena  
 Débora Borges Montalvão  
 Elder Patrick dos Santos Queiroz  
 Geisla de Sousa Aguiar  
 Geovana Maria Lino  
 Luciana Fernandes da Silva  
 Pedro Henrique de Faria Marques Otto

### PROJETO DE EXTENSÃO “COMUNIDADES TRADICIONAIS EM REDE: CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO VISUAL NO CERRADO GOIANO”

### CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS CÂMPUS URUAÇU

Impresso em Curitiba, em abril de 2017, por Impressoart Gráfica e Editora Ltda. para a Editora IFG.

### Formato

210 x 297 mm

### Papel

Couché fosco 90g/m<sup>2</sup> (miolo)  
 Cartão Supremo 300g/m<sup>2</sup> (capa)

### Tipografia

Cheapskate Fill 56/60 (títulos)  
 Helvetica Condensed Light 12/16 (texto)

### Tiragem

500 exemplares.



# TRADIÇÕES DA TERRA

Durante séculos, negros e negras, escravos e escravas nas terras do Brasil trabalharam para os brancos. Trabalharam não apenas sobre o solo das lavouras, mas também nas cidades fazendo tanto as roças de produção de alimento quanto as casas e as igrejas dos seus senhores. E arrancaram anonimamente do chão e dos rios todo o ouro e os diamantes que enriqueceram falsos fidalgos e, depois de uma longa viagem, enriqueceram a Europa.

Alguns fugiram. Alguns escravos escaparam do jugo dos brancos e se internaram em comunidades escondidas que, entre montanhas e florestas, compartilhavam de perto ou de longe com os povos indígenas. Palmares é a mais conhecida dessas comunidades. Mas elas foram muitas e muitas, de sul a norte.

De várias delas os negros fugidos ou, em casos mais raros, agraciados com raras benesses dos brancos, preservaram comunidades quilombolas. Comunidades que não apenas sobrevivem entre ermos do Brasil, mas desde “ali” testemunharam e testemunham hoje preciosos modos de ser, de viver e de pensar e de criar vidas e memórias.

**Carlos Rodrigues Brandão**



criação, circulação e produção visual no cerrado goiano



INSTITUTO FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Goiás

Ministério da  
**Educação**

Ministério da  
**Cultura**

**Governo  
Federal**

